

MEDITAÇÃO DA TÉCNICA

PREFÁCIO

Com o nome de Meditação da técnica, ofereço ao público um curso desenvolvido no ano de 1933 na Universidade de Verão de Santander, que então foi inaugurada. Este curso, como observará em seguida o leitor, não foi, propriamente, escrito, pois consiste em anotações feitas às pressas para o uso da cátedra. Não se busque nelas nem mesmo, talvez, asseada correção gramatical. Tal e qual foram pronunciadas estas lições apareceram em La Nación, de Buenos Aires, segmentadas mecanicamente em artigos dominicais.

Não devia publicá-las em volume, pois nem sua forma nem seu conteúdo são trabalho conclusivo. Mas em La Nación jaz trabalho meu deste gênero, e igualmente imaturo, para encher muitos volumes. Nesse trabalho eu acredito que existem, toscas ainda ou balbuciantes, idéias que podem ser de importância. Eu esperava, para publicá-las, a hora de dar-lhes figura mais nobre e mais depurada entranha. Mas vejo que os edi-

tores fraudulentos do Chile recortavam de La Nación estas informais prosas minhas e formavam com elas volumes. Em vista do que decidi fazer concorrência a esses piratas do Pacífico e cometer a fraude de publicar eu estes livros seus, que são meus.

JOSÉ ORTEGA Y GASSET

Buenos Aires, 27 de Outubro de 1939.

I

PRIMEIRA ESCARAMUÇA COM O TEMA

Um dos temas que nos próximos anos será debatido com maior brio é o do sentido, vantagens, danos e limites da técnica. Sempre considereirei que a missão do escritor é prever com ampla antecipação o que será problema, anos mais tarde, para seus leitores e proporcionar-lhes a tempo, isto é, antes de que o debate surja, idéias claras sobre a questão, de modo que entrem no fragor da contenda com o ânimo sereno de quem, em princípio, já a tem resolvida. *On ne doit écrire que pour faire connaître la vérité* — dizia Malebranche, voltando as costas à literatura. Há muito tempo, dando-se ou não conta disso, o homem ocidental não espera nada da literatura e volta a sentir fome e sede de idéias claras e distintas sobre as coisas importantes.

Assim sendo, agora me atrevo a remeter a *La Nación* as notas, nada literárias, de um curso universitário dado há dois anos, em que se procurava responder a esta pergunta: Que é a técnica?

Intentemos um primeiro ataque, ainda tosco e de longe, a essa interrogação.

Acontece que, quando chega o inverno, o homem sente frio. Este “sentir frio o homem”

6

é um fenômeno em que aparecem unidas duas coisas bem distintas. Uma, o fato de que o homem encontra em torno de si essa realidade chamada frio. Outra, que essa realidade lhe agride, que se apresenta diante dele com um caráter negativo. Que quer dizer aqui negativo? Alguma coisa bem clara. Tomemos o caso extremo. O frio é tal que o homem se sente que morre, isto é, sente que o frio o mata, o aniquila, o nega. Pois bem, o homem não quer morrer, ao contrário, normalmente anela sobreviver. Estamos tão habituados a experimentar nos demais e em nós este desejo de viver, de afirmar-nos diante de toda circunstância negativa, que nos custa um pouco tomar consciência do estranho que é, e nos parece absurda ou talvez ingênua a pergunta: Por que o homem prefere viver a deixar de ser? E, contudo, trata-se de uma das perguntas mais justificadas e discretas que possamos fazer-nos. Nestes casos costuma-se falar em instinto de conservação. Mas acontece: 1.º, que a idéia de instinto é em si mesma bastante obscura e nada esclarecedora; 2.º, que ainda que fosse clara a idéia, é coisa notória que no homem os instintos estão quase apagados, pois o homem não vive, em definitivo, de seus instintos, já que se governa mediante outras faculdades como a reflexão e a vontade, que reatuam sobre os instintos. A prova disso é que alguns homens preferem morrer a viver, e, seja lá por que motivo, anulam em si esse suposto instinto de conservação.

É, portanto, falha a explicação pelo instinto. Com ele ou sem ele concluimos sempre que

7

o homem sobrevive porque quer e isto é o que despertava em nós uma curiosidade talvez impertinente. Por que normalmente quer o homem viver? Por que não lhe é indiferente desaparecer? Que empenho tem em estar no mundo?

Vamos agora entrever a resposta. Basta-nos, ao menos por hoje, com partir do fato bruto: que o homem quer viver e, porque quer viver, quando o frio ameaça com destruí-lo, o homem sente a necessidade de evitar o frio e proporcionar-se calor. O relâmpago da tempestade invernal acende um ponto do bosque: o homem então se aproxima ao fogo benéfico que o acaso lhe proporcionou para esquentar-se. Esquentar-se é um ato pelo qual o homem atende a sua necessidade de evitar o frio, aproveitando sem mais o fogo que encontra pela frente. Digo isto com o sobressalto com que se diz sempre um truísmo. Contudo, nos convém — logo os senhores irão ver — esta humildade inicial que nos identifica com Calino. O importante é que não resulte que além de dizer truísmos os dizemos sem entendê-los. Isso seria o cúmulo, um cúmulo que com grande freqüência praticamos. Anote-se, pois, que esquentar-se é a operação com a qual procuramos receber sobre nós um calor que já está aí, que encontramos — e que essa operação se reduz a exercer uma atividade com que o homem se encontra dotado evidentemente: a de poder caminhar e assim aproximar-se ao fogo que aquece. Outras vezes o calor não provém de um incêndio, porquanto o ho-

8

mem, transido de frio, se refugia numa caverna que encontra em sua paisagem. Outra necessidade do homem é alimentar-se, e alimentar-se é colher o fruto da árvore e comê-lo, ou então a raiz mastigável ou ainda o animal que cai sob sua mão. Outra necessidade é beber, etc.

Ora, a satisfação destas necessidades costuma impor outra necessidade: a de deslocar-se, caminhar, isto é, suprimir as distâncias, e como às vezes importa que esta supressão se faça em bem pouco tempo, necessita o homem suprimir tempo, encurtá-lo, ganhá-lo. O inverso acontece quando um inimigo — a fera ou outro homem — põe em perigo sua vida. Necessita fugir, isto é, lograr no

menor tempo a maior distância. Seguindo por este modo chegaríamos, com um pouco de paciência, a definir um sistema de necessidades com o qual o homem se encontra. Esquentar-se, alimentar-se, caminhar, etc., são um repertório de atividades que o homem possui, evidentemente, com o qual se encontra da mesma forma como se encontra com as necessidades delas decorrentes.

Com ser tudo isto tão óbvio que — repito — encabula um pouco enunciá-lo, convém reparar na significação que aqui tem o termo necessidade. Que quer dizer que o esquentar-se, alimentar-se, caminhar são necessidades do homem? Sem dúvida que são elas condições naturalmente necessárias para viver. O homem reconhece esta necessidade material ou objetiva e porque a reconhece a sente subjetivamente como

9

necessidade. Mas note-se que esta sua necessidade é puramente condicional. A pedra solta no ar cai necessariamente, com necessidade categórica ou incondicional. Mas o homem pode perfeitamente não alimentar-se, como agora *mahátma* Gandhi. Não é, pois, o alimentar-se necessário por si, é necessário para viver. Terá, pois, tanto de necessidade quanto seja necessário viver se se há-de viver. Este viver é, pois, a necessidade originária de que todas as demais são meras conseqüências. Ora, já indicamos que o homem vive porque quer. A necessidade de viver não lhe é imposta à força, como lhe é imposto à matéria não poder aniquilar-se. A vida — necessidade das necessidades — é necessária apenas num sentido subjetivo; simplesmente porque o homem decide autocraticamente viver. É a necessidade criada por um ato de vontade, ato cujo sentido e origem prosseguiremos olhando de viés e de que partimos como de um fato bruto. Seja lá por que razão, acontece que o homem costuma ter um grande empenho em sobreviver, em estar no mundo, apesar de ser o único ente conhecido que tem a faculdade — ontológica ou metafisicamente tão estranha, tão paradoxal, tão conturbada — de poder aniquilar-se e deixar de estar aí, no mundo.

E, pelo visto, esse empenho é tão grande que quando o homem não pode satisfazer as necessidades inerentes a sua vida, porque a natureza ao redor não lhe propicia os meios inescusáveis, o homem não se resigna. Se, por falta de incêndio ou de caverna, não pode exercer a atividade ou fazer de esquentar-se, ou por falta

10

de frutos, raízes, animais, a de alimentar-se, o homem põe em movimento uma segunda linha de atividades: faz fogo, faz um edifício, faz agricultura ou caçada. É o caso que aquele repertório de necessidades e o de atividades que as satisfazem diretamente, aproveitando os meios que estão já aí quando estão, são comuns ao homem e ao animal. A única coisa da qual não podemos estar certos é de se o animal tem o mesmo empenho que o homem em viver. Dir-se-á que é imprudente e até injusta esta dúvida. Por que o animal há-de ter menos apego à vida que o homem? O que ocorre é que não tem os dotes intelectuais do homem para defender sua vida. Tudo isto é provavelmente bastante discreto, mas uma consideração um pouco cautelosa, que se além aos fatos, encontra-se irrefragavelmente com que o animal, quando não pode exercer a atividade de seu repertório elemental para satisfazer uma necessidade — por exemplo, quando não há fogo nem caverna — não faz nada mais e se deixa morrer. O homem, ao contrário, dispara um novo tipo de fazer que consiste em produzir o que não estava aí na natureza, seja porque em absoluto não esteja, seja porque não está quando faz falta. Natureza não significa aqui senão o que rodeia ao homem, a circunstância. Assim faz fogo quando não há fogo, faz uma caverna, isto é, um edifício, quando não existe na paisagem, monta um cavalo ou fabrica um automóvel para suprimir espaço e tempo. Ora, note-se que fazer fogo é um fazer bem diverso de esquentar-se, que cultivar um campo é um fazer bem diverso de alimentar-se, e que fazer

um automóvel não é correr. Agora começa a ver-se por que tivemos que insistir na truístico definição de esquentar-se, alimentar-se e deslocar-se.

Aquecimento, agricultura e fabricação de carros ou automóveis não são, pois, atos em que satisfazemos nossas necessidades, já que, ao contrário, implicam uma supressão daquele repertório primitivo de fazeres em que diretamente procuramos satisfazê-las. Em suma, a esta satisfação e não a outra coisa se encaminha este segundo repertório, mas — ei-lo! — supõe ele uma capacidade que é precisamente o que falta ao animal. Não é tanto inteligência o que lhe falta — sobre isto falaremos um pouco, se houver tempo — como o ser capaz de desprender-se transitoriamente dessas urgências vitais, desgrudar-se delas e ficar disponível para ocupar-se em atividades que, por si, não são satisfação de necessidades. O animal, pelo contrário, está sempre e indefectivelmente preso a elas. Sua existência não é mais que o sistema dessas necessidades elementares que chamamos orgânicas ou biológicas e o sistema de atos que as satisfazem. O ser do animal coincide com esse duplo sistema ou, dito em outras palavras, o animal não é mais que isso. Vida, no sentido biológico ou orgânico da palavra, é isso. E eu pergunto: tem sentido, referindo-se a um tal ser, falar de necessidades? Porque, lembro aos senhores, que, referido este conceito de necessidade ao homem, consistia nas condições *sine quibus non* com que o homem se encontra para viver, pois, não são sua vida ou, dito ao contrário, sua vida não

coincide, pelo menos totalmente, com o perfil de suas necessidades orgânicas. Se coincidissem, como acontece no animal, se seu ser consistisse estritamente e só em comer, beber, esquentar-se, etc., não as sentiria como necessidades, isto é, como imposições que, de fora, chegam a seu autêntico ser, com que este não tem outro remédio senão contar, mas que não o constituem. Carece, pois, de bom-senso supor que o animal tem necessidades no sentido subjetivo que a este termo corresponde referido ao homem. O animal sente fome, mas como não tem outra coisa que fazer senão sentir fome e tratar de comer, não pode sentir tudo isto como uma necessidade, como alguma coisa com que é preciso contar, que não há outro remédio senão fazer e que lhe é imposto. Ao contrário, se o homem conseguisse não ter essas necessidades e, conseqüentemente, não ter que ocupar-se em satisfazê-las, ainda lhe restaria muito que fazer, muito âmbito de vida, precisamente as tarefas [*quehaceres*] e a vida que ele considera como o mais seu. Precisamente porque não sente o esquentar-se e o comer como o seu, como aquilo em que sua verdadeira vida consiste e de outro lado não tem outro remédio senão aceitá-lo, é pelo que se lhe apresenta com o caráter específico de necessidade, de inevitabilidade. E isso, inesperadamente, nos descobre a constituição estranhíssima do homem: enquanto todos os demais seres coincidem com suas condições objetivas — com a natureza ou circunstância — o homem não coincide com esta, já que é alguma coisa alheia e distinta de sua circunstância; mas

não tendo outro remédio, se quer ser e estar nela, tem que aceitar as condições que esta lhe impõe. Daí que se lhe apresentem com um aspecto negativo, forçado e penoso.

Por outro lado, isto esclarece um pouco que o homem possa desentender-se provisoriamente dessas necessidades, as suspenda ou contenha e, distanciado delas, possa transladar-se para outras ocupações que não são sua imediata satisfação.

O animal não pode retirar-se de seu repertório de atos naturais, da natureza, porque não é senão ela e não teria, ao distanciar-se dela, onde meter-se. Mas o homem, pelo visto, não é sua circunstância, já que está somente submerso nela e pode em alguns momentos sair dela e pôr-se em

si, recolher-se, ensimesmar-se, e só consegue ocupar-se em coisas que não são direta e imediatamente atender aos imperativos ou necessidades de sua circunstância. Nestes momentos extra ou sobrenaturais de ensimesmamento e retração em si inventa e executa esse segundo repertório de atos: faz fogo, faz uma casa, cultiva o campo e monta o automóvel.

Notemos que todos estes atos têm uma estrutura comum. Todos eles pressupõem e levam em si a invenção de um procedimento que nos permite, dentro de certos limites, obter com segurança, a nosso ver e conveniências, o que não existe na natureza, mas que necessitamos. Não importa, pois, que na circunstância, aqui e agora, não haja fogo. Fazemo-lo, isto é, executamos aqui e agora um certo esquema de atos que pre-

14

viamente havíamos inventado de uma vez para sempre. Este procedimento consiste amiúde na criação de um objeto cujo simples funcionamento nos proporciona isso que carecemos, o instrumento ou aparelho. Tais são os dois palitos e a isca com que o homem primitivo faz fogo ou a casa que levanta e o separa do extremo frio ambiente.

De onde resulta que estes atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo que nela haja o que não há — seja que não existe aqui e agora quando se necessita, seja que em absoluto não existe. Pois bem, estes são os atos técnicos, específicos do homem. O conjunto deles é a técnica, que podemos, desde logo, definir como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades. Estas, vimos, eram imposições da natureza ao homem. O homem responde impondo por sua vez uma mudança à natureza. É, pois, a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza. Anote-se, portanto: a técnica não é o que o homem faz para satisfazer suas necessidades. Esta expressão é equívoca e valeria também para o repertório biológico dos atos animais. A técnica é a reforma da natureza, dessa natureza que nos faz necessitados e indigentes, reforma em sentido tal que as necessidades ficam, a ser possível, anuladas por deixar de ser problema sua satisfação. Se sempre que sentimos frio a natureza automaticamente pusesse à nossa disposição fogo, é evidente que

15

não sentiríamos a necessidade de esquentar-nos, como normalmente não sentimos a necessidade de respirar, já que simplesmente respiramos sem ser-nos isso problema algum. Pois isso faz a técnica, precisamente isso: pôr-nos o calor junto à sensação de frio e anular praticamente esta enquanto necessidade, indigência, negação, problema e angústia.

Fica aqui esta primeira e tosca aproximação à pergunta: Que é a técnica? Mas, agora, uma vez obtida essa aproximação, é quando começam a complicar-se as coisas e a comportar-se um tanto divertidas, como veremos nas próximas lições.

16

17

II

O ESTAR E O BEM-ESTAR. — A "NECESSIDADE" DA EMBRIAGUEZ. — O SUPÉRFLUO COMO NECESSÁRIO.— RELATIVIDADE DA TÉCNICA.

Reatemo-nos com a lição anterior.

Atos técnicos — dizíamos — não são aqueles em que o homem procura satisfazer diretamente as necessidades que a circunstância ou natureza as faz sentir, mas precisamente aqueles que levam a reformar essas circunstâncias eliminando no possível dela essas necessidades, suprimindo ou mingando o acaso e o esforço que exige satisfazê-las. Enquanto o animal, por ser atécnico, tem que se ajustar ao que encontra dado aí e fastidiar-se ou morrer quando não encontra o que necessita, o homem, graças a seu dom técnico, faz que se encontre sempre em seu derredor o que é preciso — cria, pois, uma circunstância nova mais favorável, segrega, por assim dizer, uma sobrenatureza adaptando a natureza a suas necessidades. A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, posto que é a adaptação do meio ao sujeito. Isto já bastaria para fazer-nos suspeitar que se trata de um movimento em direção inversa a todos os biológicos.

18

Esta reação contra seu contorno, este não resignar-se contentando-se com o que o mundo é, é o específico do homem. Por isso, mesmo estudado zologicamente, reconhece-se sua presença quando se encontra a natureza deformada; por exemplo, quando se encontram pedras lavradas, com polimento ou sem ele, isto é, utensílios. Um homem sem técnica, isto é, sem reação contra o meio, não é um homem.

Mas, até agora, apresentava-se-nos a técnica como uma reação às necessidades orgânicas ou biológicas. Lembrem os senhores que insisti em precisar o sentido do termo "necessidade". Alimentar-se era necessidade pois era condição *sine qua non* da vida, isto é, do poder estar no mundo. E o homem tem, pelo visto, um grande empenho em estar no mundo. Viver, perdurar, era a necessidade das necessidades.

Mas é o caso que a técnica não se reduz a facilitar a satisfação de necessidades deste gênero. Tão antigos como os inventos de utensílios e procedimentos para esquentar-se, alimentar-se, etc., são muitos outros cuja finalidade consiste em proporcionar ao homem coisas e situações desnecessárias nesse sentido. Por exemplo, tão velho e tão difundido como o fazer fogo é o embriagar-se — quero dizer, o uso de procedimentos ou substâncias que põem o homem em estado psicofisiológico de exaltação deliciosa ou então de delicioso estupor. A droga, o estupefaciente é um invento tão primitivo quanto o mais antigo. Tanto, que não é coisa clara, por exemplo, se o fogo se inventou primeiro para evitar o frio — necessidade orgânica e condição *sine*

19

qua non — ou antes para embriagar-se. Os povos mais primitivos usam as covas para acender nelas fogo e pôr-se a suar em forma tal que entre o fumo e o excesso de temperatura caem em transe de quase embriaguez. É o que se chamou as "casas de suar". Resulta inacabável a lista de procedimentos hipnóticos, fantásticos, isto é, produtores de imagens deliciosas, de excitantes que dão prazer ao praticar um esforço. Assim, entre estes últimos, o "Kat" do Yemen e Etiópia, que faz grato o andar quanto mais se anda pelos efeitos daquela substância na próstata. Entre o "fantástico" recorda-se a coca do Peru, o meimendo, o estramônio ou daturina, etc. Parecidamente discutem os etnólogos se é o arco de caça e guerra ou o arco musical a forma primigênia do arco. A solução do debate não é coisa que agora nos importe. O simples fato de que pode ser discutido demonstra que, seja ou não o musical o arco originário, aparece entre os instrumentos mais primitivos. E isto nos basta.

Porque isso nos revela que o primitivo não sentia menos como necessidade o proporcionar-se certos estados prazerosos que o satisfazer suas necessidades mínimas para não morrer; portanto, que desde o princípio o conceito de "necessidade humana" inclui indiferentemente o objetivamente necessário e o supérfluo. Se nós nos comprometêssemos a distinguir quais dentre nossas necessidades são rigorosamente necessárias, inevitáveis, e quais supérfluas, nos veríamos na maior

dificuldade. Pois encontrar-nos-íamos: 1º) Com que diante das necessidades que pensando a priori parecem mais elementares e ine-

20

vitáveis — alimento, calor, por exemplo — tem o homem uma elasticidade incrível. Não somente por força, mas até por gosto reduz a limites incríveis a quantidade de alimento e se adentra para sofrer frios de uma intensidade superlativa. 2º) Ao contrário, custa-lhe muito ou, simplesmente, não consegue prescindir de certas coisas supérfluas e quando lhe faltam prefere morrer. 3.º) De onde se deduz que o empenho do homem por viver, por estar no mundo, é inseparável de seu empenho de estar bem. Mais ainda: que vida significa para ele não simples estar, mas bem-estar, e que somente sente como necessidades as condições objetivas do estar, por que este, por sua vez, é suposto do bem-estar. O homem que se convence a fundo e por completo de que não pode obter o que ele chama bem-estar, pelo menos uma aproximação a isso, e que teria que contentar-se com o simples e nu estar, suicida-se. O bem-estar e não o estar é a necessidade fundamental para o homem, a necessidade das necessidades. Com o que chegamos a um conceito de necessidades humanas completamente distinto do que no artigo anterior topamos, e de resto oposto ao que, por insuficiente análise e descuidada meditação, costuma-se adotar. Os livros sobre técnica que li — todos indignos por certo, de seu enorme tema (*) — começam por não levar em conta que o conceito de "necessidades humanas" é o mais importante para esclarecer o que é a técnica. To-

(*) O único livro que, insuficiente também no que se refere ao problema geral da técnica, pude aproveitar num ou dois pontos é o de Gotl-Lilienfeld, *Virtschalt und Technik*.

21

dos esses livros, como não podia menos de ser, fazem uso da idéia dessas necessidades, mas como não vêem sua decisiva importância, o tomam consoante está na tópica ambiente.

Precisemos, antes de prosseguir, a situação a que chegamos: na lição anterior considerávamos o esquentar-se e o alimentar-se como necessidades humanas, por ser condições objetivas do viver, no sentido de mero existir e simples estar no mundo. São, pois, necessárias na medida em que seja ao homem necessário viver. E notávamos que, com efeito, o homem mostrava um raro e obstinado empenho em viver. Mas esta expressão, agora o percebemos, era equívoca. O homem não tem empenho algum por estar no mundo. No que tem empenho é em estar bem. Somente isto lhe parece necessário e todo o resto é necessidade somente na medida em que faça possível o bem-estar. Portanto, para o homem somente é necessário o objetivamente supérfluo. Isto se julgará paradoxal, mas é a pura verdade. As necessidades biologicamente objetivas não são, por si, necessidades para ele. Quando se encontra preso a elas se nega a satisfazê-las e prefere sucumbir. Somente se convertem em necessidades quando aparecem como condições do "estar no mundo", que por sua vez somente é necessário em forma subjetiva; a saber, porque faz possível o "bem-estar no mundo" e a superfluidade. De onde resulta que até o que é objetivamente necessário somente o é para o homem quando é referido à superfluidade. Não tem dúvida: o homem é um animal para o qual somen-

22

te o supérfluo é necessário. Aparentemente parecerá aos senhores isto um pouco estranho e sem mais valor que o de uma frase, mas se os senhores reconsideram a questão verão como por si mesmos, inevitavelmente, chegam a ela. E isto é essencial para entender a técnica. A técnica é a produção do supérfluo: hoje e na época paleolítica. É, certamente, o meio para satisfazer as necessidades humanas. Agora podemos aceitar esta fórmula que ontem repelíamos, porque agora

sabemos que as necessidades humanas são objetivamente supérfluas e que somente se convertem em necessidades para quem necessita o bem-estar e para quem viver é essencialmente viver bem. Eis aqui por que o animal é atécnico: contenta-se com viver e com o objetivamente necessária para o simples existir. Do ponto de vista do simples existir o animal é insuperável e não necessita a técnica. Mas o homem é homem porque para ele existir significa desde logo e sempre bem-estar; por isso é *a natividade* técnico criador do supérfluo. Homem, técnica e bem-estar são, em última instância, sinônimos. Outra coisa leva a desconhecer o tremendo sentido da técnica: sua significação como fato absoluto no universo. Se a técnica consistisse somente numa de suas partes — em resolver mais comodamente as mesmas necessidades que integram a vida do animal e no mesmo sentido que possam sê-lo para este — teríamos um entrefino estranho no universo: teríamos dois sistemas de atos — os instintivos do animal e os técnicos do homem — que sendo tão heterogêneos serviriam, não obs-

23

tante, à mesma finalidade: sustentar no mundo ao ser orgânico. Porque o caso é que o animal se arranja perfeitamente com seu sistema, isto é, que não se trata de um sistema defeituoso, em princípio. Não é nem mais nem menos defeituoso que o do homem.

Tudo se esclarece, ao contrário, se se adverte que as finalidades são distintas: de um lado servir à vida orgânica, que é adaptação do sujeito ao meio, simples estar na natureza. De outro, servir à boa vida, ao bem-estar, que implica adaptação do meio à vontade do sujeito.

Fiquemos, pois, em que as necessidades humanas o são somente em função do bem-estar. Somente poderemos então averiguar quais são aquelas se averiguamos que é o que o homem entende por seu bem-estar. E isto complica formidavelmente as coisas. Porque... vão os senhores saber tudo o que o homem entendeu, entende ou entenderá por bem-estar, por necessidade das necessidades, pela única coisa necessária de que falava Jesus a Marta e Maria (Maria, a verdadeira técnica para Jesus).

Para Pompeu não era necessário viver, mas era necessário navegar, com o que renovava o lema da sociedade milésia dos *aeinautai* — os eternos navegantes — aos quais Tales pertenceu, criadores de um novo comércio audaz, uma nova política audaz, um novo conhecimento audaz — a ciência ocidental.

Existe o faquir, o asceta, de um lado; o sensual, o glutão, de outro.

24

Temos, pois, que enquanto o simples viver, o viver em sentido biológico, é uma grandeza fixa que para cada espécie está definida de uma vez para sempre, isso que o homem chama viver, o bom viver ou bem-estar é um termo sempre móvel, ilimitadamente variável. E como o repertório de necessidades humanas é função dele, resultam estas não menos variáveis, e como a técnica é o repertório de atos provocados, suscitados pelo e inspirados no sistema dessas necessidades, será também uma realidade proteiforme, em constante mutação. Daí ser inútil querer estudar a técnica como uma entidade independente ou como se estivesse dirigida por um vector único e de antemão conhecido. A idéia do progresso, funesta em todas as ordens, quando se a empregou sem críticas, foi aqui também fatal. Supõe ela que o homem quis, quer e quererá sempre o mesmo, que os anelos vitais foram sempre idênticos e a única variação através dos tempos consistiu no avanço progressivo para a obtenção daquele único *desideratum*. Mas a verdade é exatamente o contrário: a idéia da vida, o perfil do bem-estar se transformou inumeráveis vezes, em ocasiões tão radicalmente, que os chamados progressos técnicos eram abandonados e seu rastro perdido. Outras vezes— registre-se — e é quase o mais freqüente na história, o inventor e a invenção eram

perseguidos como se se tratasse de um crime. O fato (e que hoje sentimos em forma extrema o prurido oposto, o afã de invenções, não deve fazer-nos supor que sempre foi assim. Ao contrário, a humanidade sempre sentiu um misterioso terror cósmico para

25

com os descobrimentos, como se nestes, ao lado de seus benefícios, ocultasse um terrível perigo. E em meio de nosso entusiasmo pelos inventos técnicos, não começamos a sentir algo parecido? Seria de enorme e dramático ensinamento fazer uma história das técnicas que, uma vez obtidas e parecendo "aquisições eternas" — *ktesis eis aei* — se volatizaram, se perderam por completo.

26

27

III

O ESFORÇO PARA POUPAR ESFORÇO É ESFORÇO — O PROBLEMA DO ESFORÇO POUPADO — A VIDA INVENTADA

Meu livro *A rebelião das massas* (*) está inspirado, entre outras coisas, pela espantosa suspeita que sinceramente sentia então — ali por 1927 e 1928; notem-no os senhores, as datas da *prosperity* — de que a magnífica, a fabulosa técnica atual corria perigo e perfeitamente podia ocorrer que se nos escorresse por entre os dedos e desaparecesse em muito menos tempo de quanto se pode imaginar. Hoje, cinco anos depois, minha suspeita não fez senão aumentar pavorosamente. Vejam, pois, os engenheiros como para ser engenheiro não basta com ser engenheiro. Enquanto se estão ocupando em sua faina particular, a história lhes retira o solo debaixo dos pés.

É preciso estar alerta e sair do próprio ofício: explorar bem a paisagem da vida, que é sempre total. A faculdade suprema para viver não a dá nenhum ofício, nem nenhuma ciência: é a sinopse de todos os ofícios e todas as ciências e, de resto, muitas outras coisas. É a inte-

(*) Traduzido em português por LIAL, Rio de Janeiro, 1959, 2ª ed., 1962.

28

gral cautela. A vida humana e tudo nela é um constante e absoluto risco. Todo o quociente se vai pelo ponto menos previsível: uma cultura se esvazia inteira pelo mais imperceptível ralo. Mas deixando de lado estas, que são, ainda que iminentes, meras possibilidades, recapacite o técnico simplesmente comparando sua situação de ontem com a que faz presumir o amanhã.

Uma coisa é, pelo menos, claríssima: que as condições de toda ordem, sociais, econômicas, políticas, em que trabalhará amanhã são sumamente distintas daquelas em que trabalhou até hoje.

Não se fale, pois, da técnica como da única coisa positiva, da única realidade inmovível do homem. Isso é uma estupidez, e quanto mais cegos estejam por ela os técnicos, mais provável é que a técnica atual acabe por ruir e periclitar.

Basta com que mude um pouco substancialmente o perfil do bem-estar que se esboça diante do homem, que sofra uma mutação de algum vulto a idéia da vida, da qual, a partir da qual e para a qual faz o homem tudo o que faz, para que a técnica tradicional se abale, se desconjunte e tome outros rumos.

Há quem acredite que a técnica atual está mais firme na história que outras porque ela mesma, como tal técnica, possui ingredientes que a diferenciam de todas as outras, por exemplo, seu embasamento nas ciências. Esta presumida segurança é ilusória. A indiscutível superioridade da técnica presente, como tal técnica, é, por outro lado, seu fator de maior fraqueza. Se

29

se baseia na exatidão da ciência, quer dizer-se que se apóia em mais supostos e condições que as outras, ao fim e ao cabo mais independentes e espontâneas. Todas estas seguranças são as que precisamente estão fazendo perigar a cultura européia. O progressismo, ao acreditar que já se havia chegado a um nível histórico em que não cabia substantivo retrocesso, senão que mecanicamente se avançaria até ao infinito, afrouxou as cavilhas da cautela humana e deu lugar a que irrompa de novo a barbárie no mundo.

Mas deixemos isto, já que não é matéria em que possamos entrar agora seriamente. Resumamos, ao contrário, quanto eu disse até agora:

1.º) Não há homem sem técnica.

2.º) Essa técnica varia em máximo grau e é sobremaneira inestável, dependendo qual e quanta seja em cada momento da idéia de bem-estar que o homem tenha então. Ao tempo de Platão, a técnica dos chineses, em não poucos setores, era incomparavelmente superior à dos gregos. Existem certas obras da técnica egípcia que são superiores a quanto hoje faz o europeu; por exemplo, o lago Meris, de que fala Heródoto, que um tempo se acreditou fabuloso e cujo resíduo foi depois descoberto. Nesta gigantesca obra hidráulica se armazenavam 3 430 000 000 de metros cúbicos, e graças a isso a re.grão do Delta, que hoje é um deserto, era superlativamente fértil. O mesmo acontece com os *foggara* do deserto saárico.

30

3.º) Outra questão é se não há em todas as técnicas passadas um torso comum em que foi acumulando seus descobrimentos, mesmo através de não poucos desaparecimentos, retrocessos e perdas. Em tal caso, poder-se-ia falar de um absoluto progresso da técnica. Mas sempre se correrá o risco de definir este absoluto progresso do ponto de vista técnico peculiar àquele que fala, e esse ponto de vista não é o absoluto, evidentemente. Enquanto ele o está afirmando com fé louca, a humanidade começa a abandoná-lo.

Logo mais falaremos um pouco dos diversos tipos de técnica, de suas vicissitudes, de suas vantagens e suas limitações; mas agora nos convém não perder de vista a idéia fundamental do que é a técnica, porque ela encerra os maiores segredos.

Atos técnicos — dizíamos — não são aqueles em que fazemos esforços para satisfazer diretamente nossas necessidades, sejam estas elementares ou francamente supérfluas, mas aqueles em que dedicamos o esforço, primeiro, para inventar e, depois, para executar um plano de atividade que nos permita:

1.º Assegurar a satisfação das necessidades, evidentemente, elementares.

2.º Conseguir essa satisfação com o mínimo esforço.

3.º Criar-nos possibilidades completamente novas produzindo objetos que não existem na natureza do homem. Assim, o navegar, o voar, o falar com o antípoda mediante o telégrafo ou a radiocomunicação.

Deixando por ora o terceiro ponto, notemos os dois traços salientes de toda técnica: que diminui, às vezes quase elimina, o esforço imposto pela circunstância e que o consegue reformando esta, reagindo contra ela e obrigando-a a adotar formas novas que favorecem ao homem.

Na poupança de esforço que a técnica proporciona podemos incluir, como um de seus componentes, a segurança. A precaução, a angústia, o terror que a insegurança provoca são formas do esforço, da imposição por parte da natureza sobre o homem.

Temos, pois, que a técnica é, assim, o esforço para poupar esforço ou, em outras palavras, é o que fazemos para evitar por completo, ou em parte, as canseiras que a circunstância primariamente nos impõe. Nisto se acha toda gente de acordo; mas é curioso que somente se entende por uma de suas faces, a menos interessante, o anverso, e não se percebe o enigma que seu reverso representa.

Não se cai na conta do surpreendente que é que o homem se esforce precisamente em poupar-se esforço? Dir-se-á que a técnica é um esforço menor com que evitamos um esforço muito maior e, portanto, uma coisa perfeitamente clara e razoável. Certo; mas isso não é o enigmático, se não este outro: Onde parará esse esforço poupado e que fica disponível? A coisa ressalta mais se empregamos outros vocábulos e dizemos: se com o fazer técnico o homem fica isento das canseiras impostas pela natureza, que é o que fará, que canseiras ocuparão sua vida? Porque não fa-

zer nada é esvaziar a vida, é não viver; é incompatível com o homem. A questão, longe de ser fantástica, tem hoje já um começo de realidade. Até uma pessoa aguda, certamente, mas que é somente economista — Keynes — se formulava esta questão: dentro de pouco — se não houver retrocesso, entende-se — a técnica permitirá que o homem não tenha que trabalhar mais que uma ou duas horas por dia. Pois bem: que fará o resto das vinte e quatro? De fato, em não escassa medida, essa situação é já a de hoje: o operário trabalha hoje oito horas, e, em alguns países, somente cinco dias — e, ao que parece, este será o porvir imediato geral: trabalhar somente quatro dias semanais; que faz esse operário do resto enorme de seu tempo, do âmbito oco que fica em sua vida?

Mas o fato de a técnica atual apresentar tão às claras esta questão não quer dizer que não preexista desde -sempre em toda técnica, posto que toda ela leva a uma poupança de canseira e não acidentalmente ou como resultado que sobrevém ao ato técnico, senão que esse afã de poupar esforço é o que inspira a técnica. A questão, pois, não é adjacente, senão que pertence à própria essência da técnica, e esta não se entende se nos contentamos com confirmar que poupa esforço e não nos perguntamos em que se emprega o esforço disponível.

E eis aqui como a meditação sobre a técnica nos faz topar dentro dela, como com o caroço num fruto, com o raro mistério do ser do homem. Porque é este um ente forçado, se quer existir, a existir na natureza, submerso nela; é um ani-

mal. Zoologicamente, vida significa tudo o que é preciso fazer para sustentar-se na natureza. Mas o homem ordena-as para reduzir ao mínimo essa vida, para não ter que fazer o que tem que fazer o animal. No vão que a superação de sua vida animal deixa, dedica-se o homem a uma série de tarefas não biológicas, que não lhe são impostas pela natureza, que ele se inventa para si mesmo. E precisamente a essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama vida humana, bem-estar. A vida humana, pois, transcende da realidade natural, não lhe é dada como lhe é dado à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos — comer, fugir, nidificar, etc. — Senão que o homem a faz, e este fazer a própria vida

começa por ser a invenção dela. Como? A vida humana seria então em sua dimensão específica... uma obra de imaginação? Seria o homem uma espécie de romancista de si mesmo que forja a figura fantástica de um personagem com seu tipo irreal de ocupações e que para conseguir realizá-lo faz tudo o que faz, ou seja, é técnico?

34

35

IV

EXCURSÕES AO SUBSOLO DA TÉCNICA

As respostas que se deram à pergunta — que é a técnica? — são de uma pavorosa superficialidade. E o pior do caso é que não se pode atribuir ao acaso. Essa superficialidade é compartilhada por quase todas as questões que se referem verdadeiramente ao humano no homem. E não será possível pôr alguma clareza nelas se não nos resolvemos a torná-las no estrato profundo, onde surge todo o propriamente humano. Enquanto prosseguirmos, ao falar de assuntos que nos dizem respeito, dando por suposto que sabemos bem o que é o humano, somente conseguiremos deixar sempre de lado a verdadeira questão. E isto acontece com a técnica. Convém levar em conta todo o radicalismo que deve inspirar nossa interrogação. Como é que no universo existe essa coisa tão estranha, esse fato absoluto que é a técnica, o fazer técnica o homem? Se intentamos, com seriedade, aproximar-nos a uma resposta, temos que resolver-nos a submergir-nos em certas inevitáveis funduras.

E então nos encontramos com que no universo acontece o seguinte fato: um ente, o homem, se vê obrigado, se quer existir, a estar em outro ente, o mundo ou a natureza. Ora, esse

36

estar um no outro — o homem no mundo — podia adotar um destes três aspectos:

1.º) Que a natureza oferecesse ao homem para sua permanência nela puras facilidades. Isto queda dizer que o ser do homem e do mundo coincidiam plenamente ou, o que é igual, que o homem era um ser natural. Assim acontece com a pedra, com a planta, provavelmente com o animal. Se assim fosse, o homem careceria de necessidades, não notaria falta de nada, não seria indigente. Seus desejos não se diferenciariam da satisfação desses mesmos desejos. Não desejaria senão o que existe no mundo tal e como existe, ou vice-versa, o que ele desejasse tê-lo-ia, como na estória da varinha mágica. Um ente assim não poderia sentir o mundo como alguma coisa diferente dele, posto que não lhe ofereceria resistência. Andar pelo mundo seria o mesmo que andar por dentro de si mesmo.

2.º) Mas poderia ocorrer o inverso. Que o mundo não oferecesse ao homem senão puras dificuldades ou, o que é igual, que o ser do homem e do mundo fossem totalmente antagônicos. Neste caso, o homem não poderia alojar-se no mundo, não poderia estar nele nem uma fração de segundo. Isso que chamamos vida humana não existiria e, portanto, tampouco a técnica.

3.º) A terceira possibilidade é a que efetivamente ocorre: que o homem, ao ter que estar no mundo, se encontra com que este é em torno de si mesmo uma intrincada rede, tanto de facilidades como de dificuldades. Quase não há coisas nele que não sejam em potência um ou ou-

37

tro. A terra é algo que o sustenta com sua solidez e lhe permite esticar-se para descansar ou correr quando tem que fugir. Aquele que naufraga ou cai de um telhado se dá perfeitamente conta do

favorável que é essa coisa tão humilde pelo habitual que é a solidez da terra. Mas a terra é também distância; infelizmente muita terra o separa da fonte quando está sedento, e às vezes a terra se empina; é uma ravina penosa que é preciso subir. Este fenômeno fundamental, talvez o mais fundamental de todos — isto é, que nosso existir consiste em estar rodeado tanto de facilidades como de dificuldades — dá seu especial caráter ontológico à realidade que chamamos vida humana, ao ser do homem.

Porque se não encontrasse facilidade alguma, estar no mundo lhe seria impossível, isto é, que o homem não existiria e não faria questão. Como encontra facilidades em que apoiar-se, resulta que lhe é possível existir. Mas como acha também dificuldades, essa possibilidade é constantemente embaraçada, negada, posta em perigo. Daí a existência do homem, seu estar no mundo, não ser um passivo estar, pois tem, à força e constantemente, que lutar contra as dificuldades que se opõem a que seu ser se aloje nele. Note-se bem: à pedra lhe é dada feita sua existência, não tem que lutar para ser o que é: pedra na paisagem. Mas para o homem existir é ter que combater incessantemente com as dificuldades que o contorno lhe oferece; portanto, é ter que fazer-se em cada momento sua própria existência. Diríamos, pois, que ao homem lhe é dada a abstrata possibilidade de existir, mas não

38

lhe é dada a realidade. Esta tem que conquistá-la ele, minuto após minuto: o homem não apenas economicamente, mas metafisicamente, tem que ganhar a vida por si mesmo.

E tudo isto — por quê? Evidentemente — não é senão dizer o mesmo com outras palavras — porque o ser do homem e o ser da natureza não coincidem plenamente. Pelo visto, o ser do homem tem a estranha condição de que em parte resulta afim com a natureza, mas em outra parte não, que é ao mesmo tempo natural e extranatural, uma espécie de centauro ontológico, que meia porção dele está imersa, evidentemente, na natureza, mas a outra parte transcende dela. Dante diria que está nela como as barcas arrimadas à beira-mar, com meia quilha na praia e a outra meia na costa. O que tem de natural se realiza por si mesmo: não lhe é problema. Mas, por isso, não o sente como seu autêntico ser. Ao contrário, sua porção extranatural não é, evidentemente, e sem mais, realizada, já que consiste, como se sabe, numa mera pretensão de ser, num projeto de vida. É isto o que sentimos como nosso verdadeiro ser, o que chamamos nossa personalidade, nosso eu. Não há-de interpretar-se essa porção extranatural e antinatural de nosso ser no sentido do velho espiritualismo. Não me interessam agora os anjinhos, nem sequer isso que se chamou espírito, idéia confusa túrgida de mágicos reflexos.

Se os senhores refletirem um pouco acharão que isso que chamam sua vida não é senão o afã de realizar um determinado projeto ou programa de existência. E seu "eu", o de cada qual,

39

não é senão esse programa imaginário. Tudo o que fazem os senhores o fazem a serviço desse programa. E se estão os senhores agora ouvindo-me é porque acreditam, de um ou de outro modo, que fazer isso lhes serve para chegar a ser, íntima e socialmente, esse eu que cada um dos senhores sente que deve ser, que quer ser. O homem é, pois, antes de mais nada, alguma coisa que não tem realidade nem corporal nem espiritual; é um programa como tal: portanto, o que ainda não é, mas que aspira a ser. Dir-se-á que não pode haver programa se alguém não o pensa, se não há, portanto, idéia, mente, alma ou como se lhe queira chamar. Eu não posso discutir isto a fundo pois teria que embarcar-me num curso de filosofia. Somente posso fazer esta observação: ainda que o programa ou projeto de ser um grande financista tem que ser pensado numa idéia, "ser" esse projeto não é ser essa "idéia". Eu penso sem dificuldade essa idéia e, contudo, estou bem longe de ser esse projeto.

Eis aqui a tremenda e ímpar condição do ser humano, o que faz dele alguma coisa única no universo. Advirta-se o aspecto estranho e triste do caso. Um ente cujo ser consiste, não no que já é, mas no que ainda não é, um ser que consiste em ainda não ser. Todo o resto do universo consiste no que já é. O astro é o que já é, nem mais nem menos. Todo aquele cujo modo de ser consiste em ser o que já é e no qual, portanto, coincide, evidentemente, sua potencialidade com sua realidade, o que pode ser com o que, com efeito, já é, chamamos coisa. A coisa tem seu ser já dado e obtido.

40

Neste sentido, o homem não é uma coisa mas uma pretensão, a pretensão de ser isto ou aquilo. Cada época, cada povo, cada indivíduo modula de diverso modo a pretensão geral humana.

Agora, penso, compreendem-se bem todos os termos do fenômeno fundamental que é nossa vida. Existir é para nós achar-nos de pronto tendo que realizar a pretensão que somos numa determinada circunstância. Não se nos permite eleger de antemão o mundo ou circunstância em que temos que viver, já que nos encontramos, sem nossa anuência prévia, submersos num contorno, num mundo que é o de aqui e agora. Esse mundo ou circunstância em que me encontro submerso não é somente a paisagem que me rodeia, mas também meu corpo e também minha alma. Eu não sou meu corpo; encontro-me com ele e com ele tenho que viver, seja são seja doente, mas também não sou minha alma: encontro-me com ela e tenho que usar dela para viver, ainda que às vezes me sirva mal porque tem pouca vontade ou nenhuma memória. Corpo e alma são coisas, e eu não sou uma coisa, mas um drama, uma luta para chegar a ser o que tenho que ser. A pretensão ou programa que somos oprime com seu peculiar perfil esse mundo em tomo, e este responde a essa pressão aceitando-a ou resistindo-a, isto é, facilitando nossa pretensão em alguns pontos e dificultando em outros.

Agora posso dizer o que antes não se teria entendido bem. Isso que chamamos natureza, circunstância ou mundo não é originariamente

41

senão o puro sistema de facilidades e dificuldades com que o homem-programático se encontra. Aqueles três nomes — natureza, mundo, circunstância — são já interpretações que o homem dá ao que primariamente encontra, que é somente um conjunto de facilidades e dificuldades. Sobretudo, "natureza" e "mundo" são dois conceitos que qualificam aquilo a que se referem como alguma coisa que está aí, que existe por si, independentemente do homem. O mesmo acontece com o conceito "coisa", o qual significa algo que tem um ser determinado e fixo e que o tem separado do homem e por si. Mas, repito, tudo isto já é reação intelectual interpretativa ao que primitivamente achamos em torno do nosso eu. E isso que primitivamente achamos não tem um ser à parte e independente de nós, porquanto esgota sua consistência em ser facilidade ou dificuldade, portanto, no que é com referência à nossa pretensão. Somente em função desta é alguma coisa facilidade ou dificuldade. E consoante seja a pretensão que nos informa, assim serão estas ou as outras, maiores ou menores, as facilidades e dificuldades que integram o puro e radical contorno. Assim se explica que o mundo seja para cada época, e mesmo para cada homem, alguma coisa diversa. Ao perfil de nosso pessoal programa, perfil dinâmico que oprime a circunstância, responde esta com outro perfil determinado composto de facilidades e dificuldades peculiares. Evidentemente, não é o mesmo o mundo para um comerciante que para um poeta: onde este tropeça aquele nada com satisfação; o que a este repugna àquele lhe regozija. Está

42

claro que o mundo de ambos terá muitos elementos comuns: os que respondem à pretensão genérica que é o homem enquanto espécie. Mas precisamente porque o ser do homem não lhe é

dado, já que é, como vimos, pura possibilidade imaginária, a espécie humana é de uma instabilidade e variabilidade incomparáveis com as espécies animais. Em suma, que os homens são enormemente desiguais, contra o que afirmam os igualitários dos dois últimos séculos e continuam afirmando os arcaicos do presente.

43

V

A VIDA COMO FABRICAÇÃO DE SI MESMA. TÉCNICA E DESEJOS

Sob esta perspectiva, a vida humana, a existência do homem aparece consistindo formalmente, essencialmente num problema. Para os demais entes do universo existir não é problema — porque existência quer dizer efetividade, realização de uma essência; por exemplo, que "o ser touro" se verifique, aconteça. Ora, o touro, se existe, existe já sendo touro. Ao contrário, para o homem existir não é já, sem mais nem menos, existir como o homem que é, senão meramente possibilidade disso e esforço para consegui-lo. Quem dos senhores é, efetivamente, o que sente que teria que ser, que deveria ser, que anela ser? Diferentemente, pois, de todo o resto, o homem, ao existir, tem que fazer-se sua existência, tem que resolver o problema prático de realizar o programa em que, verdadeiramente, consiste. Daí nossa vida ser pura tarefa e inexorável ocupação. A vida de cada um de nós é alguma coisa que não nos é dada feita, presenteada, mas alguma coisa que é preciso fazer. A vida dá muito que fazer; mas, de resto, não é senão essa tarefa que dá a cada um, e uma tarefa, repito, não é uma coisa, senão algo ativo, num sen-

44

tido que transcende todos os demais. Porque no caso dos demais seres se supõe que alguém ou alguma coisa que já é, atua; mas aqui se trata de que precisamente para ser é preciso atuar, que não se é senão essa atuação. O homem, queira ou não, tem que fazer-se a si mesmo, autofabricar-se. Esta última expressão não é de todo inoportuna. Ela sublinha que o homem, na própria raiz de sua essência, encontra-se, antes que em qualquer outra, na situação do técnico. Para o homem viver é, evidentemente e antes de qualquer coisa, esforçar-se em que tenha o que ainda não tem; isto é, ele, ele mesmo, aproveitando para isso o que tem; em suma, é produção. Com isto quero dizer que a vida não é fundamentalmente como tantos séculos acreditaram: contemplação, pensamento, teoria. Não; é produção, fabricação, e somente porque estas o exigem, portanto, depois, e não antes, é pensamento, teoria, ciência. Viver..., isto é, achar os meios para realizar o programa que se é. O mundo, a circunstância, se apresenta evidentemente como primeira matéria e como possível máquina. Já que para existir tem que estar no mundo, e este não realiza por si e sem mais o ser do homem, já que lhe põe dificuldades, o homem se resolve a buscar nele a máquina oculta que encerra para servir ao homem. A história do pensamento humano se reduz à série de observações que o homem fez para expor à luz, para descobrir essa possibilidade de máquina que o mundo leva latente em sua matéria. Daí o invento técnico ser chamado também descobrimento. E não é, como veremos, uma causalidade que a técnica por antonomásia,

45

a plena maturidade da técnica, se iniciasse na altura de 1500; justamente quando em seu pensamento teórico do mundo chegou o homem a entendê-lo como u'a máquina. A técnica moderna enlaça-se com Galilei, Descartes, Huygens; em suma, com os criadores da interpretação mecânica do universo. Antes se acreditava que o mundo corporal era um ente amecânico cujo ser último estava constituído por poderes espirituais mais ou menos voluntários e incoercíveis. O mundo, como puro mecanismo, é, ao contrário, a máquina das máquinas.

É, pois, um erro fundamental acreditar que o homem não é senão um animal causalmente dotado com talento técnico ou, em outras palavras, que se a um animal lhe agregássemos magicamente o dom técnico, teríamos sem mais o homem. A verdade é o contrário, porque o homem tem uma tarefa bem diversa que a do animal, uma tarefa extranatural, não pode dedicar suas energias como aquele para satisfazer suas necessidades elementares, já que, evidentemente, tem que apagá-las nessa ordem para poder prover-se com elas na improvável faina de realizar seu ser no mundo.

Eis aqui por que o homem começa quando começa a técnica. A largura, menor ou maior, que esta lhe abre na natureza é o alvéolo onde pode alojar seu excêntrico ser. Por isso insistia ontem em que o sentido e a causa da técnica estão fora dela; isto é: no emprego que dá o homem a suas energias disponíveis, libertadas por aquela. A missão inicial da técnica é essa; dar

46

franquia ao homem para poder dedicar-se a ser ele mesmo.

Os antigos dividiam a vida em duas zonas: uma, que chamavam *otium*, o ócio, que não é a negação do fazer, mas ocupar-se em ser o humano do homem, que eles interpretavam como mando, organização, trato social, ciências, artes. A outra zona, cheia de esforço para satisfazer as necessidades elementares, tudo o que fazia possível aquele *otium*, chamavam-no *nec-otium*, assinalando perfeitamente o caráter negativo que tem para o homem.

Ao invés de viver ao acaso e dissipar seu esforço, necessita este atuar de acordo com plano para obter segurança em seu choque com as exigências naturais e dominá-las com um máximo de rendimento. É isto seu fazer técnico diante do fazer como Deus queira do animal, do pássaro do bom Deus, por exemplo.

Todas as atividades humanas que especialmente receberam ou merecem o nome de técnicas não são senão especificações, concreções desse caráter geral de autofabricação próprio de nosso viver.

Se nossa existência não fosse já desde um princípio a forçosidade de construir com o material da natureza a pretensão extranatural que é o homem, nenhuma dessas técnicas existiria. O fato absoluto, o puro fenômeno do universo que é a técnica, somente pode dar-se nessa estranha, patética, dramática combinação metafísica de que dois entes heterogêneos — o homem e o mundo — se vejam obrigados a unificar-se,

47

de modo que um deles, o homem, consiga inserir seu ser extramundano no outro, que é precisamente o mundo. Esse problema, quase de engenheiro, é a existência humana.

E, contudo, ou por isso mesmo, a técnica não é em rigor o primeiro. Ela se engenha e executa a tarefa, que é a vida; consegue, claro está, numa ou noutra limitada medida, fazer que o programa humano se realize. Ela, porém, por si não define o programa; quero dizer que à técnica lhe é prefixada a finalidade que ela deve conseguir. O programa vital é pré-técnico. O técnico ou a capacidade técnica do homem tem como missão inventar os procedimentos mais simples e seguros para conseguir as necessidades do homem. Mas estas, como vimos, são também uma invenção; são o que em cada época, povo ou pessoa o homem pretende ser; há, pois, uma primeira invenção pré-técnica, a invenção por excelência, que é o desejo original.

Não se creia que é desejar faina tão fácil. Observem os senhores a específica angústia que experimenta o novo rico. Tem nas mãos a possibilidade de obter a efetivação de seus desejos. Em seu íntimo sente que não deseja nada, que por si mesmo é incapaz de orientar seu apetite e decidi-lo

entre as inumeráveis coisas que o contorno lhe oferece. Por isso busca um intermediário para que lhe oriente, e o encontra nos desejos predominantes dos demais. Eis aqui a razão pela qual o primeiro que o novo rico compra para si é um automóvel, uma pianola e um fonógrafo. Encarregou aos outros que desejem por ele. Como há o tópico do pensamento, o

48

qual consiste na idéia que não é pensada originariamente pelo que a pensa, mas tão-somente por ele repetida, cegamente, maquinalmente reiterada, há também um desejo tópico, que é antes a ficção e o mero gesto de desejar.

Isto acontece, pois, mesmo na órbita do desejar que se refere ao que já há aí, às coisas que já temos em nosso horizonte antes de desejá-las. Imagine-se até que ponto será difícil o desejo propriamente criador, o que postula a inexistente, o que antecipa o que ainda é irreal. Em suma, os desejos referentes a coisas se movem sempre dentro do perfil do homem que desejamos ser. É este, portanto, o desejo fundamental, fonte de todos os demais. E quando alguém é incapaz de desejar-se a si mesmo, porque não tem claro um "si mesmo" que realizar, é evidente que não tem senão pseudo-desejos, espectros de apetites sem sinceridade nem vigor.

Talvez a doença básica de nosso tempo seja uma crise dos desejos e por isso toda a fabulosa potencialidade de nossa técnica parece como se não nos servisse de nada. Hoje a coisa começa a fazer-se grave fato: "A Europa padece de uma extenuação em sua faculdade de desejar" (*Espanha invertibrada*). E essa obnubilação do programa vital trará consigo uma detenção ou retrocesso da técnica que não saberá bem a quem, a que servir. Porque esta é a incrível situação a que chegamos e que confirma a interpretação aqui sustentada: a herdade, isto é, o repertório com que hoje conta o homem para viver, não somente é incomparavelmente superior ao que nunca gozou (as forças criadas na técnica equi-

49

valem a 2 500 milhões de escravos, isto é, dois servidores para cada civilizado), já que temos a clara consciência de que são superabundantes, e, contudo, a mágoa é enorme, e é que o homem atual não sabe o que ser, falta-lhe imaginação para inventar o argumento de sua própria vida.

Por quê? Ah!, isso não pertence a este ensaio. Somente nos perguntaremos: Que é o homem, ou que espécie de homens são os especialistas do programa vital? O poeta, o filósofo, o fundador de religião, o político, o descobridor de valores? Não o decidamos; baste com advertir que o técnico os supõe e que isto explica uma diferença de posição que sempre houve e contra a qual é inútil protestar.

Talvez tenha que ver com isto o estranhíssimo fato de que a técnica é quase sempre anônima, ou pelo menos os criadores dela não gozem da fama nominativa que acompanhou sempre àqueles outros homens. Um dos inventos mais formidáveis dos últimos sessenta anos foi o motor de explosão. Pois bem, quantos dos senhores, que não sejam por seu ofício técnicos, lembram neste momento a lista de nomes egrégios que levaram seus inventores?

Daí também a enorme improbabilidade de que se constitua uma "tecnocracia". Por definição, o técnico não pode mandar, dirigir em última instância. Seu papel é magnífico, venerável, mas irremediavelmente de segundo plano.

Resumamos:

A reforma da natureza ou técnica, como toda mudança ou mutação, é um movimento com

50

seus dois termos, *a quo* e *ad quem*. O termo *a quo* é a natureza conforme está aí. Para modificá-la é preciso fixar o outro termo, no qual se conformará. Este termo *ad quem* é o programa vital do homem. Como chamaríamos a obtenção plena deste? Evidentemente, bem-estar do homem, felicidade. Eis aqui que com isso fechamos o circuito de todas as considerações feitas nas anteriores lições.

51

VI

O DESTINO EXTRANATURAL DO HOMEM. — PROGRAMAS DE SER QUE DIRIGIRAM AO HOMEM. — A ORIGEM DO ESTADO TIBETANO

Nas lições anteriores procurei sugerir quais são os supostos que têm que dar-se no universo para que nele apareça isso que chamamos técnica. Dito em outra forma, a técnica implica tudo isso que enunciamos: que há um ente cujo ser consiste, antes de tudo, no que ainda não é, num mero projeto, pretensão ou programa de ser; que, portanto, esse ente tem que desgastar-se na realização de si mesmo. Não pode obtê-la senão com elementos reais, como o artista não pode realizar a estátua imaginada se não tem uma sólida matéria em que plasmá-la. A matéria, o elemento real onde e com o qual o homem "pode" chegar a ser de fato o que é em projeto, é o mundo. Este lhe oferece a possibilidade de existir e, ao mesmo tempo, grandes dificuldades para isso. Em tal disposição dos termos a vida aparece constituída como um problema quase de engenharia: aproveitar as facilidades que o mundo oferece para vencer as dificuldades que se opõem à realidade de nosso programa. Nesta condição

52

fundamental de nossa vida é onde se insere o fato da técnica.

Dito assim, em fórmula abstrata, resulta talvez difícil de compreender. Porque esse programa extranatural que afirmamos ser o homem, e para servir ao qual se desdobra a técnica, soa a alguma coisa mística e inconcretável. Alguma clareza, todavia, trouxe ao assunto a rápida enumeração que fiz de alguns entre os muitos programas vitais em que o homem historicamente concretou seu ser: o bodhisatva hindu, o homem agonal da Grécia aristocrática do século VI, o bom republicano de Roma e o estóico da época do Império, o asceta medieval, o *hidalgo* do século XVI, o *homme de bonne compagnie* de França do século XVII, a *schöne Seele* dos fins do século XVIII na Alemanha ou o *Dichter und Denker* dos princípios do século XIX, o *gentleman* de 1850 na Inglaterra, etc.

Não é lícito deixar-me levar ao sugestivo trabalho de ir descrevendo o perfil pressionador do mundo que é cada um destes modos de ser do homem.

Unicamente farei notar alguma coisa que me parece de toda evidência. O povo no qual predomina a idéia de que o verdadeiro ser do homem é ser bodhisatva não pode criar uma técnica igual àquele outro no qual se aspira a ser *gentleman*. Ser bodhisatva é, evidentemente, crer que existir neste mundo de meras aparências é precisamente não existir de verdade. A verdadeira existência consiste para ele em não ser indivíduo, pedaço particular do universo, mas

53

fundir-se no Todo e desaparecer nele. O bodhisatva, pois, aspira a não viver ou a viver o menos possível. Reduzirá sua alimentação ao mínimo; pior para a técnica da alimentação! Procurará a imobilidade máxima, para recolher-se na meditação, único veículo que permite ao homem chegar ao êxtase, isto é, a pôr-se em vida fora deste mundo. Não é verossímil que invente o automóvel este homem que não quer mover-se. Ao contrário, suscitará todas essas técnicas tão alheias a nós

européus como são as dos faquires e iogas, técnicas do êxtase, técnicas que não produzem reformas na natureza material, mas no corpo e na psique do homem. Por exemplo, a técnica da insensibilidade e a catalepsia, da concentração, etc. Isto me chama a atenção de que a técnica é função do variável programa humano. Por outro lado, esclarece-nos também de tudo aquilo que o homem, numa de suas dimensões, tem um ser extranatural e que antes não conseguíamos intuir.

É evidente que existir como meditador e como extático, viver precisamente como não vivente, em constante intuito de anular o mundo e a própria potência, não é um modo natural de existir. Ser bodhisatva é, em princípio, não comer, não mover-se, não sexualizar, não sentir prazer nem dor; ser, em consequência, a negação vivente da natureza. Por isso é um exemplo drástico da extranaturalidade do ser humano e do difícil que é sua realização na natureza. Isso requer uma pré-adaptação desta que deixe espaço para uma qualidade de ser que tão radicalmente a contradiz. Mas a explicação naturalista do humano saltará aqui sustentando que a relação en-

54

tre o projeto de ser e a técnica é inversa da que eu proponho, a saber: que é o projeto quem suscita a técnica, a qual, por sua vez, reforma a natureza. Exatamente o contrário, dir-se-á: na Índia o clima e o solo facilitam tão enormemente a vida que o homem quase não necessita mover-se nem alimentar-se. É, pois, o clima e o solo os fatores que pré-formam esse tipo de vida búdica. Com isto, pela primeira vez, quem sabe, lhes soar á agradavelmente, neste ensaio, aos homens de ciência que me ouvem.

Mas agora não posso deixar de confundir ao naturalista imaginário que me objeta ainda aquela pequeníssima satisfação. Não: existe, sem dúvida, uma relação entre clima e solo de um lado e programa de humanidade de outro, mas é bem distinta da que a anterior explicação supõe. Não irei expor agora qual é, a meu ver; pela primeira vez irei escusar-me de raciocinar e, em seu lugar, irei opor ao pretendido fato que o presumível objetante apresentou, simplesmente, outro fato positivo que atira aos trastes aquela explicação.

Se são o clima e a terra da Índia os fatores que explicam o budismo da Índia, não se compreende porque hoje a região budista por excelência é o Tibet. Porque seu clima e sua terra são a antítese da região do Ganges ou do Ceilão. Os altiplanos atrás do Himalaia são um dos lugares mais ásperos e crus do planeta. Ferozes vendavais dominam aquelas planícies imensas, aqueles amplísimos vales. Tormentas de gelos os castigam durante grande parte do ano. Por isso não havia ali senão hordas trasumantes, inque-

55

tas e revoltadas, em contínua agressão umas com as outras. Guarneciam-se em suas tendas, feitas com a pele dos grandes ovinos altaicos. Nunca se pôde ali constituir um Estado. Eis aqui que um belo dia transpuseram os sublimes portos do Himalaia alguns missionários budistas e converteram à sua religião algumas daquelas hordas. Mas o budismo é, mais essencialmente que nenhuma outra religião, faina de meditação. No budismo não há um deus que se encarregue de salvar ao homem. É o homem que tem que salvar-se a si mesmo por meio da meditação, da oração. Como meditar na crudelíssima tempérie tibetana? Foi preciso construir conventos de pedra e cal, os primeiros edifícios que surgiram por ali. Não, pois, para simplesmente viver surge no Tibet a casa, mas para orar. Mas ocorreu que nas contendias tradicionais daquele país as hordas budistas se refugiaram nos conventos, que adquiriram assim um papel guerreiro, proporcionando a seus possuidores superioridade sobre os não budistas. Em suma, que o convento, fazendo de castelo, criou o Estado tibetano. Aqui não é o clima e a terra os fatores que engendram o budismo, mas, ao contrário, o budismo como necessidade humana, isto é, desnecessária, quem modifica o clima e terra mediante a técnica da construção.

Sirva o caso narrado como um bom exemplo da solidariedade que existe entre as técnicas; quero dizer da facilidade com que um artefato ideado para servir uma determinada finalidade se desloca para outras utilizações. Mais acima vimos como o arco primitivo, provavelmente mu-

56

sical, se converte em arma de caça e luta. Parecido é o caso de Tirteu, aquele ridículo general que os atenienses emprestaram aos espartanos. Velho e coxo, era, ainda, pelo estilo antiquado de suas elegias, o boboca da juventude vanguardista na Ática. Mas chega a Esparta e a partir de então os desmoralizados lacedemônios começam a ganhar todas as batalhas. Por quê? Pois por uma simples razão técnica de tática. As elegias de Tirteu estavam compostas num ritmo arcaico, que, por ser bastante claro e pronunciado, facilitava a unidade de marcha e movimento na falange. Eis aqui uma técnica poética que se transforma em ingrediente criador dentro da técnica militar. Mas não nos transviemos. Procurávamos brevemente confrontar a situação do homem quando é, como projeto, bodhisatva, com a do homem quando se propõe ser *gentleman*. A oposição é radical. Basta para percebê-lo que insinuemos alguns traços constituintes do *gentleman*. Convém antes notar que o *gentleman* não é o aristocrata. Sem dúvida foram os aristocratas ingleses os que principalmente idearam este modo de ser homem, mas inspirados pelo que diferencia o aristocrata inglês de todas as demais classes de nobres. Enquanto as demais são fechadas como classes, e inclusive fechadas quanto ao tipo de ocupações a que se dignavam dedicar-se — guerra, política, diplomacia, desporto e alta direção da economia agrícola — o aristocrata inglês, desde o século XVI, aceita a luta no terreno econômico do comércio, da indústria e das carreiras liberais. Como a história consistiria desde então

57

principalmente nestas fainas, foi a única que se salvou, mantendo-se no jogo com plena eficiência. Daí que ao chegar o século XIX cria-se um protótipo de existência — o *gentleman* — que vale para todo o mundo. O burguês e o operário podem, em certa medida, ser *gentleman*; e mais, aconteça o que acontecer no futuro, talvez imediato, restará como uma das maravilhas da história o fato de que hoje até o operário mais modesto da Inglaterra é, em sua órbita, um *gentleman*. Esse modo de ser homem não implica, pois, aristocratismo. O aristocrata continental dos últimos quatro séculos é, antes de tudo, herdeiro: a homem que herdou grandes meios de vida, mas não teve que lutar nesta para conquistá-los. O *gentleman* como tal não é o herdeiro; ao contrário, supõe que o homem tem que lutar na vida, que exercer todas as profissões e ofícios, sobretudo os práticos (o *gentleman* não é intelectual), e precisamente nessa luta tem que ser *gentleman*. O pólo oposto ao *gentleman* é o *gentilhomme* de Versailles ou o Junker alemão.

58

59

VII

O TIPO "GENTLEMAN". — SUAS EXIGÊNCIAS TÉCNICAS. — O "GENTLEMAN" E O "HIDALGO"

Mas, que é ser *gentleman*? O caminho mais rápido para compreendê-lo — já que necessitamos poupar ao extremo o número de palavras — se nos oferece se, exagerando as coisas, dizemos: o comportamento que o homem costuma adotar durante os breves momentos em que as trabalhadoras e apertadas da vida deixam de afligi-lo e se dedica, para distrair-se, a um jogo aplicado ao resto da vida, isto é, ao sério, ao penoso da vida; isso é o *gentleman*. Aqui se vê também em forma

cortante, pelo paradoxal, em que sentido o programa vital é extranatural. Porque os jogos e os modos de comportamento que neles regem são pura invenção diante do tipo de vida que a natureza dá por si. Aqui, ainda dentro da própria vida humana, invertem-se os termos e se propõe que o homem seja em sua existência forçada, de luta com o meio, conforme se encontra no recanto irreal e puramente inventado de seus jogos e desportos.

Ora, quando o homem se dedica a brincar costuma ser porque se sente seguro no que concerne às urgências elementares do viver. O jogo

60

é um luxo vital e supõe prévio domínio sobre as zonas inferiores da existência, que estas não oprimem, que o ânimo, sentindo-se supérfluo de meios, se mova em tão ampla margem de serenidade, de calma, sem o atordoamento e feio atropelar-se a que leva uma vida escassa, em que tudo é terrível problema. Um ânimo assim se compraz em sua própria elasticidade e se dá o luxo de jogar limpo, o *fair play* de ser justo, de defender seus direitos, mas respeitando os do próximo, de não mentir. Mentir no jogo é falsificar o jogo, e, portanto, não jogar. Mesmo assim, o jogo é um esforço, mas que não sendo provocado pelo premente utilitarismo que inspira o esforço imposto por uma circunstância do trabalho, vai repousando em si mesmo sem esse desassossego que infiltra no trabalho a necessidade de conseguir a todo custo seu fim.

Daí as maneiras de gentleman: seu espírito de justiça, sua veracidade, o pleno domínio de si fundado no prévio domínio do que lhe rodeia, a clara consciência do que é seu direito pessoal diante dos demais e dos demais diante dele; isto é, de seus deveres. Para ele não tem sentido a trapaça. O que se faz é preciso fazê-lo bem e não preocupar-se demais. O produto industrial inglês se caracteriza por estas qualidades: é tudo nele bom, sólido, acabado, a matéria-prima e a mão-de-obra. Não está feito para vendê-lo de qualquer jeito, é o contrário da pacotilha. É sabido que o fabricante inglês não se amoldava, como depois o alemão, aos gostos e caprichosas exigências dos clientes, mas, ao contrário, esperava com grande pachorra a que o cliente se aco-

61

modasse a seu produto. Não fazia quase propaganda, que é sempre falsidade, jogo sujo e retórica. O bom pano na arca se vende. E o mesmo em política: nada de frases, farsas, provocação vil de contágios demagógicos — nada de intolerância — poucas leis, porque a lei uma vez escrita se converte no império de puras palavras, que, como não se podem literalmente cumprir, obriga à indecência governamental que falseia sua própria lei. Um povo de gentleman não necessita constituição; por isso, em rigor, a Inglaterra vem se comportando perfeitamente bem sem ela, etc.

Como se vê, o *gentleman*, em oposição ao bodhisatva, quer viver com intensidade neste mundo e ser o mais indivíduo que possa, centrar-se em si mesmo e nutrir-se de uma sensação de independência diante de tudo e de todos. No céu não tem sentido ser *gentleman*, porque ali a própria existência seria efetivamente a delícia de um jogo, e o *gentleman* ao que aspira é ser um bom jogador na aspereza mundanal, no mais rude da rude realidade. Daí que o elemento principal e, por assim dizer, a atmosfera do ser *gentleman* reside numa sensação básica de vital folgança, de domínio superabundante sobre a circunstância. Se esta afoga, não é possível educar-se para a *gentlemanerie*. Por isto, este homem que aspira a fazer da existência um jogo e um desporto é o contrário de um iluso; precisamente porque quer isso sabe que a vida é coisa dura, séria e difícil. Por isso se ocupará a fundo em assegurar-se esse domínio sobre a circunstância — domínio sobre a matéria — e so-

62

bre os homens. Daí ter sido o grande técnico e o grande político. Seu afã de ser indivíduo e de dar a seu destino mundanal a graça de um jogo lhe fez sentir a necessidade de separar-se até fisicamente dos demais e das coisas e atender ao cuidado de seu corpo enobrecendo suas funções mais humildes.

O asseio, a mudança de camisa, o banho — desde os romanos, no Ocidente, ninguém se lavava — serão coisas que o *gentleman* pratica com grande formalidade. Seja-me perdoado lembrar que o *water-closet* nos vem da Inglaterra. Um homem de módulo bastante intelectual jamais teria ideado o *water-closet*, pois desprezava seu corpo. O *gentleman*, repito, não é intelectual. Busca o *decorum* em toda sua vida: alma limpa e corpo limpo.

Mas, está claro, tudo isto supõe riqueza; o ideal do *gentleman* levou, com efeito, a criar uma enorme riqueza e, ao mesmo tempo, a supôs. Suas virtudes somente pedem respirar e abrir suas asas numa ampla margem de poderio econômico. E, efetivamente, não se conseguiu de fato o tipo de *gentleman* até meados do século último, quando o inglês gozava de uma riqueza formidável. O operário inglês pode, em alguma medida, ser *gentleman* porque ganha mais que o burguês médio de outros países.

Seria de grande interesse que alguém bem dotado e que de antigo possua intimidade com as coisas inglesas se ocupasse de estudar qual é o estado em que hoje se encontra o sistema de normas vitais que chamamos *gentleman*. Nos últimos vinte anos a situação econômica do ho-

63

mem inglês mudou: hoje é muito menos rico que no começo do século. Cabe ser pobre e, "não obstante", ser inglês? Podem subsistir suas virtudes características num âmbito de escassez?

Ouvi que precisamente nas classes superiores inglesas se nota a decadência do tipo *gentleman*, coincidindo com o descenso das técnicas específicas do homem britânico e com a atroz míngua das fortunas aristocráticas. Mas não garanto ao leitor a exatidão destas notícias. A incapacidade para perceber com precisão os fenômenos sociais que padecem ainda as pessoas na aparência mais inteligentes é incalculável.

Seja como for, é preciso ir pensando num tipo exemplar de vida que conserve o melhor do *gentleman* e seja, ao mesmo tempo, compatível com a pobreza que inexoravelmente ameaça a nosso planeta. Nos ensaios mentais que para construir essa nova figura execute o leitor surgirá inevitavelmente, como termo de comparação, outro perfil histórico, em alguns traços o mais próximo ao *gentleman* e que, não obstante, leva em si a condição de florescer em terra de pobreza. Refiro-me ao "*hidalgo*". Sua diferença mais grave do *gentleman* consiste em que o *hidalgo* não trabalha, reduz ao extremo suas necessidades materiais e, em conseqüência, não cria técnicas. Vive alojado na miséria como essas plantas do deserto que sabem vegetar sem umidade. Mas é não menos indiscutível que soube dar a essas terríveis condições de existência uma solução digna. Pela dimensão de dignidade se enlaça com o *gentleman*, seu irmão mais afortunado.

64

65

VIII

AS COISAS E SEU "SER". — A PRÉ-COISA. — O HOMEM, O ANIMAL E OS INSTRUMENTOS. — A EVOLUÇÃO DA TÉCNICA

Gastei este pouco de tempo em desenvolver, ainda que brevissimamente, os anteriores exemplos, movido pelo desejo de que não ficasse abstrato e confuso na mente dos senhores o que

seja esse programa, esse ser extranatural do homem, em realizar o que consiste nossa vida e, por outro lado, mostrar, ainda que seja bastante vagamente, certa funcionalidade entre o volume ou direção da técnica e o modo de ser homem que se escolheu. Claro está que todo este problema da vida, do ser do homem, tem uma última dimensão estritamente filosófica, que eu procurei evitar neste ensaio. Urgia-me nele sublinhar aqueles supostos ou implicações que o fato da técnica contém e que costumam passar despercebidos, não obstante constituir o mais essencial na essência da técnica. Porque uma coisa é, antes de tudo, a série de condições que a fazem possível — Kant dizia "condições de sua possibilidade" e, mais sóbria e claramente, Leibniz seus "ingredientes", seus "requisitos". E é curioso observar que de ordinário esses mais

66

autênticos ingredientes ou requisitos de uma coisa são os que nos passam inadvertidos, os que deixamos de lado, como se não fossem o que são: o ser mais profundo da coisa. Com quase toda segurança alguns dos senhores, que pertencem a um tipo de ouvintes cuja psicologia não quero fazer agora, para os quais ouvir é ir buscar o que eles já sabem; seja pormenorizadamente, seja em vaga aproximação, ao invés de, ao contrário, já que decidiram ouvir, abrir-se sem mais ao que venha, quanto mais imprevisito, melhor; esses, digo, terão pensado: Bem, mas isso não é a técnica, eu não vejo aí a técnica em sua realidade, que é funcionando. Não se adverte que, com efeito, para responder à pergunta: Que é tal coisa?, o que fazemos é desfazê-la, precisamente recorrer de sua forma, tal e como está aí funcionando, a seus ingredientes, que procuramos isolar e definir. E está claro que, solto, cada um dos ingredientes não é a coisa: esta é o resultado de seus ingredientes, e para que esteja aí funcionando é preciso que os ingredientes desapareçam de nossa vista como tais e soltos. Para que vejamos água é preciso que desapareçam diante de nós o hidrogênio e o oxigênio. A definição de uma coisa, ao enumerar seus ingredientes, seus supostos, o que ela implica se há-de ser, se converte, portanto, em alguma coisa assim como a pré-coisa. Pois essa pré-coisa é o ser da coisa, e é o que é preciso buscar, porque esta já está aí: não é preciso buscá-la. Ao contrário, o ser e a definição, a pré-coisa, nos mostra a coisa em *statu nascendi*, e somente se conhece bem o que, num e noutra sentido, se vê nascer.

67

Os supostos por mim sublinhados até aqui não são, certamente, os únicos, mas são os mais fundamentais; e por isso mesmo os mais ocultos e, em conseqüência, os que costumam passar mais despercebidos.

Ao contrário, a toda gente lhe ocorre perceber que se o homem não tivesse inteligência capaz de descobrir novas relações entre as coisas que o rodeiam, não inventaria instrumentos nem métodos vantajosos para satisfazer suas necessidades. Pelo fato disto ser óbvio, não urgia dizê-lo. É tão óbvio que se passa por ele e se chega a um erro: em acreditar que quando um ente possui uma certa espécie de atividade basta o fato de que a possui para explicar que a exercite. Apesar de que com bastante freqüência observamos homens que têm olhos para ver e que, não obstante, não vêem o que lhes passa pela frente, graças, simplesmente, a que estão absortos meditando alguma coisa. Ainda que possam ver, não vêem; não exercem esta atividade, pois não lhes interessa o que acontece diante deles e, ao contrário, interessa-lhes o que ocorre em seu íntimo. Existem aqueles que têm talento para matemáticas, mas não o exercem porque não lhes interessa.

Não basta, pois, poder fazer alguma coisa para que o façamos, nem basta que o homem possua inteligência técnica para que a técnica exista. A inteligência técnica é uma capacidade, mas a técnica é o exercício efetivo dessa capacidade, que perfeitamente podia ficar em disponibilidade. E a questão importante não é apontar se o homem tem tal ou qual atitude para

a técnica, senão por que se dá o fato desta, e isso somente se faz inteligível quando se descobre que o homem, queira ou não, tem que ser técnico, sejam melhores ou piores seus dotes para isso. E isso é o que procurei fazer nas lições anteriores.

É bastante óbvio, repito, falar da inteligência enquanto se fala da técnica, e com excessiva celeridade atribuir àquela a distância entre o homem e o animal. Não se pode hoje com a mesma tranqüila convicção que há um século definir ao homem como faz Franklin, chamando-o *animal instrumentificum*, *animal tools making*. Não somente nos famosos estudos de Köhler sobre os chimpanzés, mas em outras muitas províncias da psicologia animal aparece mais ou menos problemáticamente a capacidade do animal para produzir instrumentos elementares. O importante em todas estas observações é notar que a inteligência estritamente requerida para a invenção do instrumento parece existir nele. A insuficiência, o que com efeito, faz impossível ao animal chegar com eficaz plenitude à posse do instrumento não está, pois, na inteligência *sensu stricto*, mas em outro lado de sua condição. Assim Köhler mostra que o essencialmente defeituoso do chimpanzé é a memória, sua incapacidade de conservar o que pouco antes lhe ocorrera e, conseqüentemente, a escassíssima matéria que oferece à sua inteligência para a combinação criadora.

Contudo, a diferença decisiva entre o animal e o homem não está tanto na primária que se encontra comparando seus mecanismos psíquicos, mas nos resultados que esta diferença pri-

mária traz consigo e que dão à existência animal uma estrutura completamente distinta da humana. Se o animal tem pouca imaginação será incapaz de formar-se um projeto de vida distinto da mera reiteração do que fez até o momento. Basta isto para diferenciar radicalmente a realidade vital de um e de outro ente. Mas se a vida não é realização de um projeto, a inteligência se converte numa função puramente mecânica, sem disciplina nem orientação. Olvida-se demasiado que a inteligência, por mais vigorosa que seja, não pode tirar de si mesma sua própria direção; não pode, portanto, chegar a verdadeiros descobrimentos técnicos. Ela, por si, não sabe quais, entre as infinitas coisas que se podem "inventar", convém preferir, e se perde em suas infinitas possibilidades. Somente numa entidade onde a inteligência funciona a serviço de uma imaginação, não técnica, mas criadora de projetos vitais, pode constituir-se a capacidade técnica.

O dito até aqui, entre suas múltiplas intenções, levava uma: a de reagir contra uma tendência, tão espontânea como excessiva, reinante em nosso tempo, em crer que, afinal de contas, não há verdadeiramente senão uma técnica, a atual euro-norte-americana, e que todo o resto foi somente torpe rudimento e balbuciação para ela. Eu necessitava contra-restar esta tendência e submergir a técnica atual como uma de tantas no panorama vastíssimo e multiforme das humanas técnicas, relativizando assim seu sentido e mostrando como a cada projeto e módulo de humanidade corresponde a sua. Mas, uma vez fei-

to isto, está claro que necessito destacar o que a técnica atual tem de peculiar, o que nela dá lugar precisamente a essa miragem que, com algum visio de verdade, no-la apresenta como a técnica por antonomásia. Por muitas razões, com efeito, a técnica chegou hoje a uma colocação no sistema de fatores integrantes da vida humana que jamais tivera. A importância que sempre lhe correspondeu, mesmo à parte dos raciocínios em que procurei demonstrá-la, transpareceria sem mais no simples fato de que, quando o historiador toma ante seus olhos vastos âmbitos de tempo, encontra-se com que não pode dominá-los se não é aludindo à peculiaridade de sua técnica, A idade mais primitiva da humanidade, que incertamente, como entre duas luzes, consegue entrever-se, se chama a idade

auroral da pedra ou eolítica — depois é a idade da pedra velha e impoluta, paleolítica, a idade do bronze, etc. Pois bem, não seria fora de propósito situar nessa lista nosso tempo, qualificando-o como a idade, não desta ou de outra técnica, mas simplesmente da "técnica" como tal. Que aconteceu na evolução da capacidade técnica do homem para que chegue a uma época em que, apesar de ter sido ele sempre técnico, mereça com alguma congruência ser fichada formalmente pela técnica? Evidentemente, isto não pôde acontecer senão porque a relação entre o homem e a técnica se elevou a uma potência peculiaríssima que convém precisar, e essa elevação, por sua vez, somente pôde produzir-se porque a própria função técnica se tenha modificado em algum sentido bastante substancial.

71

Para aquilatarmos, pois, o que é nossa técnica, convém de plano destacar sua peculiar silhueta sobre o fundo de todo o passado técnico do homem; em suma, convém desenhar, ainda que seja sumarissimamente, as grandes mudanças que a própria função técnica sofreu ou, dito ainda com outras palavras, seria oportuno definir os grandes estádios na evolução da técnica. Deste modo, fazendo alguns cortes no passado ou pulando alguns elos, esse pretérito confuso adquirirá perspectiva e movimento; deixar-nos-á ver de onde, de que formas veio vindo e para onde, a que formas foi chegando a técnica.

72

73

IX OS ESTÁDIOS DA TÉCNICA

O assunto é difícil e eu vacilei não pouco antes de decidir-me por um ou outro princípio seguindo ao qual pudéssemos distinguir esses estádios. Evidentemente é preciso rejeitar o que fora mais óbvio: segmentar a evolução fundando-se no aparecimento de tal ou qual invento que se considera muito importante e característico. Tudo o que venho dizendo neste ensaio conspira à correção do erro tópico que acredita que o importante na técnica é este ou aquele invento. Qual é o de maior calibre que se possa citar em comparação com a mole enorme da técnica toda numa época? O que esta seja em seu modo geral é o verdadeiramente importante, o que pode significar uma mudança ou avanço substantivos. Não existe nenhum invento que seja, em última instância, medido com as dimensões gigantes da evolução integral. Ademais já vimos como técnicas magníficas se perdem depois de obtidas ou desaparecem definitivamente — entende-se, até agora — ou tiveram que ser redescobertas. De resto, não basta que se invente alguma coisa em certa data e lugar para que o invento represente sua verdadeira significação técnica. A pólvora e a imprensa, dois dos deco-

74

brimentos que parecem mais importantes, existiam na China séculos antes sem que servissem para nada apreciável. Somente no século XV e na Europa, provavelmente na Lombardia, se faz da pólvora uma potência histórica, e na Alemanha, pela mesma época, a imprensa. Em vista disso, quando diremos que se inventaram ambas as técnicas? Evidentemente, somente integradas no corpo geral da técnica fim-medieval e inspiradas pelo programa vital do tempo transpõem o limiar da eficiência histórica. A pólvora como arma de fogo e a imprensa são autenticamente contemporâneas da bússola e do compasso: os quatro, como logo se percebe, de um mesmo estilo, bem característico desta hora entre gótica e renascentista que culminará em Copérnico. Notem os senhores que esses quatro inventos obtêm a união do homem com o distante — são a técnica da

actio in distants, que é o subsolo da técnica atual. O canhão põe em contato imediato aos inimigos longínquos; a bússola e o compasso, ao homem com o astro e os pontos cardiais; a imprensa ao indivíduo solitário, ensimesmado, com essa periferia infinita — em espaço e tempo — infinita no sentido de não finito — que é a humanidade de possíveis leitores.

A meu entender, um princípio fundamental para periodizar a evolução da técnica é atender a própria relação entre o homem e sua técnica ou, em outras palavras, à idéia que o homem foi tendo de sua técnica, não desta ou doutra determinadas, mas da função técnica em geral. Veremos como este princípio não somente esclarece o passado, senão que de um golpe ilumina as

75

duas questões enunciadas por mim: a mudança substantiva que engendrou nossa técnica atual e por que ocupa esta na vida humana um papel ímpar ao representado em nenhum outro tempo.

Partindo deste princípio podemos distinguir três enormes estádios na evolução da técnica:

- 1.º A técnica do acaso.
- 2.º A técnica do artesão.
- 3.º A técnica do técnico.

A técnica que chamo do acaso, porque o acaso é nela o técnico, o que proporciona o invento, é a técnica primitiva do homem pré e proto-histórico e do atual selvagem — entende-se, dos grupos menos avançados — como os Vedas do Ceilão, os Semang de Borneo, os pigmeus de Nova Guiné e do centro africano, os australianos, etc.

Como se apresenta a técnica à mente deste homem primitivo? A resposta pode ser aqui sobremaneira taxativa: o homem primitivo ignora sua própria técnica como tal técnica; não se apercebe que entre suas capacidades existe uma especialíssima que lhe permite reformar a natureza no sentido de seus desejos.

Com efeito:

1.º O repertório de atos técnicos que usa e desfruta o primitivo é sumamente escasso e não chega a formar um corpo suficientemente volumoso para que possa destacar e diferenciar-se do repertório de atos naturais que é em sua vida incomparavelmente maior que aquele. Isto equi-

76

vale a dizer que o primitivo é minimamente homem e quase todo ele puro animal. Os atos técnicos, pois, se dispersam e submergem no conjunto de seus atos naturais e se apresentam à sua mente como pertencendo à sua vida não técnica. O primitivo acha que pode fazer fogo da mesma forma que acha que pode andar, nadar, esmurrar, etc. E como os atos naturais são um repertório fixo e dado de uma vez para sempre, assim também seus atos técnicos. Desconhece por completo o caráter essencial da técnica, que consiste em ser ela uma capacidade de mudança e progresso, em princípio, ilimitados.

2.º A singeleza e escassez dessa técnica primigênia trazem consigo que sejam exercidos seus atos por todos os membros da coletividade. Todos fazem fogo, elaboram arcos e flechas, etc. Isto é, que a técnica não parece destacada nem sequer pelo fato que constituirá a segunda etapa na evolução, ou seja, que somente certos homens — os artesãos — sabem fazer determinadas coisas. A única diferenciação que se produz bem cedo estriba em que as mulheres se ocupam em certas fainas técnicas e os varões em outras. Mas isto não basta para isolar o fato técnico como alguma coisa peculiar aos olhos do primitivo, porque também o repertório de atos naturais é um pouco

diferente na mulher e no varão. Que a mulher cultive o campo — foi a mulher a inventora da técnica agrícola — lhe parece tão natural como que de quando em quando se ocupe em parir.

3.º Mas também não adquire consciência da técnica em seu momento mais característico

77

e delator — na invenção. O primitivo não sabe que pode inventar, e porque não o sabe, seu inventar não é um prévio e deliberado buscar soluções. Como antes sugeri, é antes a solução que o busca, e não o contrário. No manejo constante e indeliberado das coisas circundantes se produz de imediato, por puro acaso, uma situação que dá um resultado novo e útil. Por exemplo, atritando por diversão ou prurido um pau com outro nasce o fogo. Então o primitivo tem uma súbita visão de um novo nexos entre as coisas. O pau, que era alguma coisa para brigar, para apoiar-se, aparece como alguma coisa nova, como o que produz fogo. O primitivo, assim temos que imaginá-lo, fica aniquilado, porque sente como se a natureza de improviso houvesse feito penetrar nele um de seus mistérios. Porque o fogo era para ele um poder divinóide do mundo e lhe suscitava emoções religiosas. O novo fato, o pau que faz fogo, se intumescce por uma e outra razão de sentido mágico. Todas as técnicas primitivas têm originariamente um halo mágico e somente são técnicas para aquele homem pelo que têm de magia. Mais adiante veremos como a magia é, com efeito, uma técnica, ainda que falhada e ilusória.

Este homem, pois, não se sabe a si mesmo como inventor de seus inventos. A invenção lhe aparece como uma dimensão mais da natureza — o poder que esta tem de proporcionar-lhe, ela a ele, e não ao contrário, certos poderes. A produção de utensílios não lhe parece provir dele, como não provêm dele suas mãos e suas pernas. Não se sente *homo faber*. Encontra-se, portanto, numa situação bastante parecida à que Köhler

78

descreve quando o chimpanzé cai subitamente em si de que um pau que tem na mão pode servir para um certo fim antes insuspeitado. Köhler chama-a "impressão do *isso!*", já que esta é a expressão do homem quando de pronto se lhe faz patente uma nova relação possível entre as coisas. Tratar-se-ia, pois, da lei biológica chamada *trial and error*, tentativa e erro, aplicada à ordem consciente. O infusório "tenta" inumeráveis posturas e encontra uma delas que lhe produz efeitos favoráveis. Então a fixa como hábito.

Mas voltemos à técnica primitiva. Dá-se, pois, no homem ainda como natureza. A expressão mais própria dela seria dizer que verossimilmente as invenções do homem auroral, produto do puro acaso, obedecem ao cálculo de probabilidades; isto é, que dado o número de combinações espontâneas que são possíveis entre as coisas corresponde a elas uma cifra de probabilidade para que se lhe apresentem um dia em forma tal que ele veja nelas pré-formado um instrumento.

79

X

A TÉCNICA COMO ARTESANATO. — A TÉCNICA DO TÉCNICO

Passemos ao segundo estágio: a técnica do artesão. É a técnica da velha Grécia, é a técnica da Roma pré-imperial e da Idade Média. Eis aqui em rapidíssima enumeração, alguns de seus caracteres:

1.º O repertório de atos técnicos cresceu enormemente. Não tanto, contudo, — é importante notá-lo — para que o súbito desaparecimento, crise ou obstáculo das técnicas principais fizesse materialmente impossível a vida das coletividades. Mais claro ainda: a diferença entre a vida que

leva o homem neste estádio com todas suas técnicas e a que levaria sem elas, não é tão radical que impedisse, falhadas ou suspensas aquelas, retrotrair-se a uma vida primitiva ou quase primitiva. Mesmo a proporção entre o não técnico e o técnico não é tal que o técnico se tenha feito a base absoluta de sustentação. Não: mesmo a base sobre que o homem se apóia é o natural — pelo menos, e isto é o importante, assim o sente ele — e por isso, quando começam as crises técnicas, não se apercebe que estas impossibilitarão a vida que leva; por isso não reage a tempo e energicamente ante aquelas crises.

80

Mas feita esta ressalva e comparando a nova situação técnica que este segundo estádio representa com a primitiva, convém sublinhar o contrário: o enorme crescimento dos atos técnicos. Não poucos destes se fizeram tão complicados que não pode exercê-lo toda e qualquer pessoa. É preciso que certos homens se encarreguem a fundo deles, dediquem a eles sua vida: são os artesãos. Mas isto acarreta que o homem adquira então uma consciência da técnica como algo especial e à parte. Vê a atuação do artesão — sapateiro, ferreiro, pedreiro, seleiro, etc. — e entende a técnica sob a espécie ou figura dos técnicos que são os artesãos; quero dizer: ainda não sabe que existe técnica, mas já sabe que existem técnicos-homens que possuem um repertório peculiar de atividades que não são, sem mais nem menos, as gerais e naturais em todo homem. A luta tão moderna de Sócrates com as pessoas de seu tempo começa por querer convencê-las de que a técnica não é o técnico, mas uma capacidade *sui generis*, abstrata, peculiaríssima, que não se confunde com este homem determinado ou com aquele outro. Para eles, ao contrário, a sapataria não é senão uma destreza que possuem certos homens chamados sapateiros. Essa destreza poderia ser maior ou menor e sofrer algumas pequenas variações, exatamente como acontece com as destrezas naturais, o correr e o nadar, por exemplo; melhor ainda, como o voar do pássaro e o correr do touro. Bem entendido, eles sabem que a sapataria não é natural — quero dizer, não é animal — mas alguma coisa exclusiva do homem, mas que o pos-

81

sui como um dote fixo e dado de uma vez para sempre. O que tem de somente humano é o que tem de extranatural, mas o que tem de fixo e limitado lhe dá um caráter de natureza — pertence, pois, a técnica à natureza do homem — é um tesouro definido e sem ampliações substantivas possíveis. Assim como o homem se encontra ao viver instalado no sistema rígido dos movimentos de seu corpo, também se encontra instalado, ademais, no sistema fixo das artes, que é como se chamam em povos e épocas deste estádio as técnicas. O sentido próprio de *techne*, em grego, é esse.

2.º Tampouco o modo de aquisição das técnicas favorece a clara consciência desta como função genérica e ilimitada. Neste estádio se dá ainda menos que no primitivo — ainda que de pronto se pensaria o contrário — ocasião para que o fato de inventar faça surgir na memória a idéia clara, isolada, isenta, do que é a técnica em verdade. Ao fim e ao cabo, os loucos inventos primitivos, tão fundamentais, precisaram destacar-se melodramaticamente sobre a cotidianidade dos hábitos animais. Mas no artesanato não se concebe a consciência do invento. O artesão tem que aprender em longo aprendizado — é a época dos mestres e aprendizes — técnicas que já estão elaboradas e vêm de uma insondável tradição. O artesão é inspirado pela norma de encaixar-se nessa tradição como tal: está voltado ao passado e não aberto a possíveis novidades. Segue o uso constituído. Produzem-se, contudo, modificações, melhoras, em virtude de um deslocamento contínuo e por isso mesmo im-

82

perceptível; modificações, melhoras, que se apresentam com o caráter não de inovações substantivas, mas, antes, como variações de estilo nas destrezas. Estes estilos de tal ou qual mestre se transmitem em forma de escolas; portanto, com o caráter formal de tradição.

3.º Outra razão existe, e decisiva, para que a idéia da técnica não se desprenda e se isole da idéia do homem que a exerce, e é que contudo o inventor somente chegou a produzir instrumentos e não máquinas. Esta distinção é essencial. A primeira máquina propriamente tal, e com isso antecipo o terceiro estágio, é o tear de Robert criado em 1825. É a primeira máquina, porque é o primeiro instrumento que atua por si mesmo e por si mesmo produz o objeto. Por isso se chamou *self-actor*, e daí *selfatinas* [fiação, fiadura]. A técnica deixa de ser o que até então havia sido, manipulação, manobra, e se converte *sensu stricto* em fabricação. No artesanato o utensílio ou ferramenta é somente suplemento do homem. Este, portanto o homem com seus atos "naturais", continua sendo o ator principal. Na máquina, ao contrário, passa o instrumento para o primeiro plano e não é ele quem ajuda ao homem, mas ao contrário: o homem é quem simplesmente ajuda e suplementa a máquina. Por isso ela, ao trabalhar por si e desprender-se do homem, fez a este cair intuitivamente em si de que a técnica é uma função à parte do homem natural, muito independente deste e *não presa aos limites deste*. O que um homem com suas atividades fixas de animal pode fazer, sabemos de antemão: seu horizonte é limitado. Mas o que

83

podem fazer as máquinas que o homem é capaz de inventar é, em princípio, ilimitado.

4.º Mas ainda resta um traço do artesanato que contribui profundamente para impedir a consciência adequada da técnica e, como os traços anteriores, oculta o fato técnico em sua pureza. E é que toda técnica consiste em duas coisas: uma, invenção de um plano de atividade, de um método, procedimento *mechané*, diziam os gregos — e outra, execução desse plano. Aquela é em estrito sentido a técnica; esta é somente a operação e o agir. Em suma: existe o técnico e existe o operário que exercem na unidade da faina técnica duas funções bem distintas. Pois bem, o artesão é, ao mesmo tempo e indivisamente, o técnico e o operário. E o que mais se vê dele é sua manobra e o que menos se vê é sua "técnica" propriamente tal. A dissociação do artesão em seus dois ingredientes, a separação básica entre o operário e o técnico, é um dos sintomas principais do terceiro estágio.

Antecipamos alguns de seus caracteres. Denominamos-lhes "a técnica do técnico". O homem adquire a consciência suficientemente clara de que possui uma certa capacidade por completo distinta das rígidas, imutáveis, que integram sua porção natural ou animal. Vê que a técnica não é um acaso, como no estágio primitivo, nem um certo tipo dado e limitado de homem — o artesão; que a técnica não é esta técnica nem aquela determinada e, portanto fixas, mas precisamente um manancial de atividades humanas, em princípio, ilimitadas. Esta nova consciência da técnica como tal coloca ao homem, pela pri-

84

meira vez, numa situação radicalmente distinta da que jamais experimentou; de certo modo, antitética. Porque até ela havia predominado na idéia que o homem tinha de sua vida a consciência de tudo o que não podia fazer, do que era incapaz de fazer; em suma, de sua debilidade e de sua limitação. Mas a idéia que hoje temos da técnica — reavive agora cada um dos senhores essa idéia que tem — nos coloca na situação trágico-cômica — isto é, cômica, mas também trágica — de que quando somos brindados com a coisa mais extravagante nos surpreendemos atordoados porque em nossa última sinceridade não nos atrevemos a assegurar que essa extravagância — a viagem aos astros, por exemplo — é impossível de realizar. Temos que, assim, no momento de dizer isso chegasse um jornal e nos comunicasse que, tendo-se conseguido proporcionar a um projétil uma

velocidade de saída superior à força de gravidade, se havia colocado um objeto terrestre nas imediações da Lua. Isto é, que o homem está hoje, em seu âmago, atordoado precisamente pela consciência de sua principal ilimitação.* E talvez isso contribui para que já não se saiba quem é — porque ao achar-se, em princípio, capaz de ser tudo o que é imaginável, já não sabe que é o que efetivamente é. E para que não me esqueça ou não venha a ter tempo de dizê-lo, mesmo quando pertence a outro capítulo, aproveito o conexo para fazer observar aos senhores que a técnica, ao

(*) [Com os foguetes teleguiados da moderna astronáutica parece que o “atordoamento” orteguiano se transformou em autêntica euforia. NT].

85

aparecer por um lado como capacidade, em princípio ilimitada, faz que ao homem, posto a viver de fé na técnica e somente nela, fique com sua vida vazia. Porque ser técnico e somente técnico é poder ser tudo e, conseqüentemente, não ser nada determinado. Com ser plenitude de possibilidades, a técnica é mera forma oca — como a lógica mais formalista; é incapaz de determinar o conteúdo da vida. Por isso estes anos em que vivemos, os mais intensamente técnicos que houve na história humana, são dos mais vazios.

86

87

XI

RELAÇÃO EM QUE O HOMEM E SUA TÉCNICA SE ENCONTRAM HOJE. — O TÉCNICO ANTIGO

Vimos como o estágio de evolução técnica em que hoje nos achamos se caracteriza: 1.º Pelo fabuloso crescimento de atos e resultados técnicos que integram a vida atual. Enquanto na Idade Média, na época do artesão, a técnica e a naturalidade do homem pareciam compensar-se e a equação de condições em que a existência se apoiava lhe permitia beneficiar-se do dom humano para adaptar o mundo ao homem, mas sem que isso levasse a desnaturalizar-lhe, hoje os supostos técnicos da vida superam gravemente os naturais, de sorte tal que materialmente o homem não pode viver sem a técnica a que chegou. Isto não é um modo de dizer, mas significa uma verdade literal. Num de meus livros destaquei, como um dos dados que o homem contemporâneo deve manter mais vivazes em sua mente, o fato seguinte: a Europa, desde o século V até 1800 — portanto, em treze séculos — não consegue chegar a mais de 180 milhões de habitantes. Pois bem, de 1800 à hora presente [1933] portanto em pouco mais de um século, atingiu a cifra de uns 500 milhões

88

de homens, sem contar os milhões que centrifugou a emigração. Em um só século cresceu, pois, três vezes e meia. E é evidente que quaisquer que sejam as causas adjacentes de tão prodigioso fenômeno — o fato de que hoje possam viver bem três vezes e meia mais de homens no mesmo espaço em que antes mal viviam três vezes e meia menos — a causa imediata e o suposto menos eludível é a perfeição da técnica. Se esta retrocedesse subitamente, centenas de milhões de homens deixariam de existir.

A proliferação sem par da planta humana acontecida nesse século é provavelmente a origem de não poucos conflitos atuais. Fato tal somente podia acontecer quando o homem havia chegado a interpor entre a natureza e ele uma zona de pura criação técnica tão espessa e profunda que acabou por constituir uma sobrenatureza. O homem de hoje — não me refiro ao indivíduo, mas à totalidade

dos homens — não pode escolher entre viver na natureza ou beneficiar essa sobrenatureza. Está já irremediavelmente preso a esta e colocado nela como o homem primitivo em seu contorno natural. E isto tem um risco dentre outros: como ao abrir os olhos à existência se encontra o homem rodeado de uma quantidade fabulosa de objetos e procedimentos criados pela técnica que formam uma primeira paisagem artificial tão espessa que oculta a natureza primária atrás dele, tenderá a acreditar que, como esta, tudo aquilo está aí por si mesmo: que o automóvel e a aspirina não são coisas que é preciso fabricar, mas coisas, como a pedra e a planta, que são dadas ao homem sem

89

prévio esforço deste. Isto é, que pode chegar a perder a consciência da técnica e das condições, por exemplo, morais em que esta se produz, voltando, como o primitivo, a não ver nelas senão dons naturais que se têm desde logo e não reclamam esforçada manutenção. De modo que a expansão prodigiosa da técnica a fez primeiro destacar-se sobre o sóbrio repertório de nossas atividades naturais e nos permitiu adquirir plena consciência dela, mas depois, ao prosseguir nesta fantástica progressão, seu crescimento ameaça com obnubilar essa consciência.

2.º O outro traço que leva ao homem a descobrir o caráter genuíno de sua própria técnica foi, dissemos, o trânsito do mero instrumento à máquina, isto é, ao mecanismo que atua por si mesmo. A máquina abandona em última instância o homem, o artesão. Não é já o utensílio que auxilia ao homem, mas ao contrário: o homem fica reduzido a auxiliar da máquina. Uma fábrica é hoje um artefato independente ao qual ajudam em alguns momentos uns poucos homens, cujo papel resulta modestíssimo.

3.º Conseqüência disso foi que o técnico e o operário, unidos no artesão, se separassem, e ao ficar isolados se convertesse o técnico como tal na expressão pura, vivente, da técnica como tal: em suma, o engenheiro.

Hoje está a técnica diante de nossos olhos, tal é como é, eximida, à parte e sem confundir-se e ocultar-se no que não é ela. Por isso se dedicam concretamente a ela certos homens, os téc-

90

nicos. Na Idade paleolítica ou na Idade Média o inventar não podia constituir um ofício porque o homem ignorava seu próprio poder de invenção. Hoje, pelo contrário, o técnico se dedica, como à atividade mais normal e preestabelecida, à faina de inventar. Ao contrário do primitivo, antes de inventar sabe que pode inventar; isto equivale a que antes de ter uma técnica tem a técnica. Até este ponto e mesmo no sentido quase material é certo o que venho sustentando: que as técnicas são somente concreções *a posteriori* da função geral técnica do homem. O técnico não tem que esperar os acasos e submeter-se a cifras evanescentes de probabilidade, já que, em princípio, está certo de chegar a descobrimentos. Por quê?

Isto nos obriga a falar um pouco do tecnicismo da técnica.

Para alguns isso e somente isso é a técnica. E, sem dúvida, não existe técnica sem tecnicismo, mas não é somente isso. O tecnicismo é somente o método intelectual que opera na criação técnica. Sem ele não existe técnica, mas apenas com ele também não existe. Já vimos que não basta possuir uma faculdade para que, sem mais, a exerçamos.

Eu desejaria falar demorada e amplamente sobre o tecnicismo da técnica, tanto da atual como da pretérita. É talvez o tema que pessoalmente me interessa mais. Mas teria sido um erro, a meu ver, fazer gravitar para ele todo este ensaio. Agora, em sua agonia, tenho de reduzir-me a dedicar-lhe uma brevíssima consideração:

brevíssima, mas, segundo espero, suficientemente clara.

É indiscutível que nem a técnica teria conseguido tão fabulosa expansão nestes últimos séculos, nem ao instrumento houvera sucedido a máquina, nem, conseqüentemente, o técnico ter-se-ia separado do operário se o tecnicismo não houvesse previamente sofrido uma fundamental transformação.

Com efeito, o tecnicismo moderno é completamente distinto daquele que atuou em todas as técnicas pretéritas. Conto exprimir em poucas palavras a fundamental diferença? Talvez fazendo-nos esta outra pergunta: o técnico do passado, quando o era propriamente, isto é, quando o invento não surgia por puro acaso, porquanto era deliberadamente buscado, que é o que fazia? Ponhamos um exemplo esquemático, portanto, exagerado, ainda que se trata de um fato histórico e não imaginário. O arquiteto nilota necessitava elevar os silhares de pedra às partes mais altas da pirâmide de Cheops. O técnico egípcio parte, evidentemente, do resultado que se propõe: elevar o silhar. Para isso busca meios. Para isso, eu disse; ou seja, busca meios para o resultado — que a pedra fique no alto — tomando em bloco esse resultado. Sua mente está prisioneira da finalidade proposta tal e como é proposta em sua integridade última e perfeita. Tenderá, pois, a não buscar como meios senão aqueles atos ou procedimentos que, em ser possível, produzam de um só golpe, com uma só operação breve ou prolongada, mas de tipo único, o resultado total. A unidade indiferenciada do

fim incita a buscar um método também único e indiferenciado. Isto leva nos inícios da técnica a que meio pelo qual se faz a coisa se pareça muito à própria coisa que se faz. Assim na pirâmide: para subir a pedra ao alto se adova à pirâmide terra em forma de pirâmide; com base mais larga e menor declive sobre o qual se arrastam para a cúspide os silhares. Como este princípio de similitude — *similia similibus* — não é aplicável em muitos casos, o técnico fica sem regra alguma, sem método para passar mentalmente do fim proposto ao meio adequado, e se dedica empiricamente a provar isto e aquilo e o acolá que vagamente se ofereça como congruente ao propósito. Dentro, pois, do círculo que se refere a este propósito, recai na mesma atitude do "inventor primitivo".

XII

O TECNICISMO MODERNO. — OS RELÓGIOS DE CARLOS V.—CIÊNCIA E OFICINA. — O PRODÍGIO DO PRESENTE

O tecnicismo da técnica moderna se diferencia fundamentalmente daquele que inspirou todas as anteriores. Surge nas mesmas datas que a ciência física e é filho da mesma matriz histórica. Vimos como até aqui o técnico, obcecado pelo resultado final que é o apetecido, não se sente livre diante dele e busca meios que de um golpe e em totalidade consiga produzi-lo. O meio, eu disse, imita a sua finalidade.

No século XVI chega à maturidade um novo modo de funcionar as cabeças que se manifesta ao mesmo tempo na técnica e na mais pura teoria. Mais ainda, é característico desta nova maneira de pensar que não possa dizer-se onde começa, se na solução de problemas práticos ou na construção de meras idéias. Vinci foi em ambas as ordens o precursor. É homem de oficina, não somente e nem sequer principalmente de oficina de pintura, mas de oficina mecânica. Passa a vida inventando "artifícios".

Na carta onde solicita emprego de Ludovico Moro adianta uma longa lista de invenções bé-

licas e hidráulicas. O mesmo que na época helenística os grandes *poliorcetas* deram ensejo aos grandes avanços da mecânica que terminam prodigiosamente no prodigioso Arquimedes, nestas guerras de fins do século XV e começos do XVI se prepara o crescimento decisivo do novo tecnicismo. *Nota bene*: umas e outras guerras eram guerras falsas, quero dizer, não eram guerras de povos, guerras férvidas, pelejas de sentimentos inimigos, mas guerras de militares contra militares, guerras frígidas, guerras de cabeça e punho, não de víscera cordial. Por isso, guerras... técnicas.

Isso que ocorria em 1540 era a moda no mundo das "mecânicas". Esta palavra, registre-se, não significa então a ciência que hoje absorveu esse termo que ainda não existia; significa as máquinas e a arte delas. Tal é o sentido que tem ainda em 1500 para Galilei, pai da ciência mecânica. Toda gente quer ter aparelhos, grandes e pequenos, úteis ou simplesmente divertidos. Nosso enorme Carlos, o V, o de Mühlberg, quando se retira para Yuste, na mais ilustre maré-baixa que registra a história, leva consigo em sua formidável ressaca para o nada somente estes dois elementos do mundo que abandona: relógios e Juanelo Turriano. Este era um flamengo, verdadeiro mago dos inventos mecânicos, aquele que constrói tanto o artifício para subir águas a Toledo — do qual ainda restam traços — quanto um pássaro semovente que voa com suas asas de metal pelo vasto espaço da estância onde Carlos, ausente da vida, repousa.

Importa muito sublinhar este fato de primeira ordem: que a maravilha máxima da mente humana, a ciência física, nasce na técnica. Galilei jovem não está na Universidade, mas nos arsenais de Veneza, entre gruas e cabrestantes. Ali se forma sua mente.

O novo tecnicismo com efeito, procede exatamente como procederá a *nuova scienza*. Não vai, sem mais, da imagem do resultado que se quer obter à busca de meios que o consigam. Não. Detém-se diante do propósito e age sobre ele. Analisa-o. Isto é, decompõe o resultado total — que é o único primeiramente desejado — nos resultados parciais de que surge, no processo de sua gênese. Portanto, em suas "causas" ou fenômenos ingredientes.

Exatamente isto é o que fará em sua ciência Galilei, que foi ao mesmo tempo, como se sabe, um gigantesco "inventor". O aristotélico não decompunha o fenômeno natural, já que para seu conjunto buscava-lhe uma causa também conjunta, à modorra que produz a infusão de amapolas uma *virtus dormitiva*. Galilei, quando vê mover-se um corpo, faz exatamente o contrário: pergunta-se de que movimentos elementares e, portanto, gerais, se compõe aquele movimento concreto. É isto o novo modo de operar com o intelecto: "análise da natureza".

Tal é a união inicial — e de raiz — entre o novo tecnicismo e a ciência. União como se vê nada externa, mas de idêntico método intelectual. Isto dá à técnica moderna independência e plena segurança em si mesma. Não é uma inspiração como mágica nem puro acaso, mas "mé-

todo", caminho preestabelecido, firme, consciente de seus fundamentos.

Grande lição! Convém que o intelectual maneje as coisas, que esteja próximo delas; das coisas materiais se é físico, das coisas humanas se é historiador. Se os historiadores alemães do século XIX houvessem sido mais homens políticos, ou mesmo mais "homens de mundo", talvez a história fosse hoje já uma ciência e junto a ela existisse uma técnica realmente eficaz para atuar sobre os grandes fenômenos coletivos, diante dos quais, seja dito com vergonha, o atual homem se encontra como o paleolítico diante do raio.

O chamado "espírito" é uma potência demasiado etérea que se perde no labirinto de si mesma, de suas próprias infinitas possibilidades. É demasiado fácil pensar! A mente em seu vôo quase não encontra resistência. Por isso é tão importante para o intelectual palpar objetos materiais e aprender em seu trato com eles uma disciplina de contenção. Os corpos foram os mestres do espírito, como o centauro Quirão foi o mestre dos gregos. Sem as coisas que se vêem e se tocam, o presunçoso "espírito" não seria mais que demência. O corpo é o agente policial e o pedagogo do espírito.

Daí a exemplaridade do pensamento físico diante de todos os demais usos intelectuais. A física, como notou Nicolai Hartmann, deve sua ímpar virtude em ser, até agora, a única ciência onde a verdade se estabelece mediante o acordo de duas instâncias independentes que não se deixam subornar uma pela outra. O puro pensar *a*

97

priori da mecânica racional e o puro olhar as coisas com os olhos do rosto: análise e experimento.

Todos os criadores da nova ciência se deram conta de sua consubstancialidade com a técnica. Tanto Bacon como Galilei, Gilbert quanto Descartes, Huygens quanto Hook ou Newton.

Desde então para cá o desenvolvimento — em somente três séculos — foi fabuloso: tanto o da teoria quanto o da técnica. Veja o leitor, no livrinho de Allen Raymond, *¿Qué es la tecnocracia?*, traduzido nas edições da "Revista de Occidente", alguns dados sobre o que hoje pode fazer aquele técnico. Por exemplo:

"O motor humano, numa jornada de oito horas, é capaz de render trabalho, aproximadamente, na proporção de um décimo de cavalo. Hoje em dia possuímos máquinas que trabalham com 300.000 cavalos de potência, capazes de funcionar durante vinte e quatro horas do dia por muito tempo.

"A primeira máquina de conversão de energia distinta do mecanismo humano foi a tosca máquina de vapor atmosférico de Newcomen, em 1712. A primeira máquina dessa marca desenvolve 5,5 cavalos de força, calculada pela quantidade de água que eleva num tempo determinado. Esta máquina atingiu seu máximo tamanho em 1780, com gigantescos cilindros e 16 a 20 percurso de êmbolo por minuto. Tinha uma potência de 50 cavalos, ou seja, 500 vezes a do motor humano. Mas a eficiência da máquina Newcomen era um décimo da máquina humana e requeria 15,8 libras de carvão por cavalo. Tinha

98

outros defeitos, tanto em energia como na parte mecânica, que impediram sua adoção geral.

"A introdução da turbina trouxe um novo tipo de conversão de energia. Enquanto as primeiras turbinas construídas possuíam menos de 700 cavalos e a primeira turbina que se instalou numa estação central era de 5.000 cavalos, as turbinas modernas chegam a atingir 300.000 cavalos, ou seja, 3.000.000 de vezes o rendimento de um ser humano em jornada de oito horas. Calculada sobre a base de vinte e quatro horas de funcionamento, a turbina tem nove milhões de vezes o rendimento do corpo humano.

"A primeira turbina montada numa estação central consumia 6,88 libras de carvão por quilowatt-hora em 1903.

"Houve uma queda no consumo de carvão de 6,88 libras para 0,84 libras num período de 30 anos, o que indica a variação do rendimento ao efetuar o trabalho humano por meio das máquinas.

"O rendimento máximo de civilização no antigo Egito nunca excedeu de 150.000 cavalos em jornada de oito horas, supondo-lhe 3.000.000 de habitantes. Grécia, Roma, os pequenos Estados e Impérios da Idade Média e as nações modernas tiveram o mesmo índice de rendimento até a época de James Watt. Mudanças cada vez mais rápidas ocorreram desde então. O progresso social, desconhecido até agora, avançou lentamente no princípio, depois deu uma corrida, tomou vôo e avançou com a rapidez de um foguete. Série após série de desenvolvimentos técnicos varreram

99

os processos industriais de cada década, desde 1800, para deixá-los reduzidos a métodos antiquados do passado.

"A primeira máquina, a de Newcomen, não sobreviveu a seu século. A segunda mudança na conversão de energia, a máquina de Watt, não sobreviveu um século para ser deslocada por uma nova máquina de maior rendimento. Dos 9.000.000 de vezes pelas quais multiplicamos a energia do corpo humano para obter as unidades modernas de energia mecânica atingidas, um aumento de 8.766.000 vezes ocorreu nos últimos vinte e cinco anos.

"Sobre diminuição de horas de trabalho humano desde 1840, notemos que, em aço, o grau de diminuição foi o inverso da quarta potência do tempo; em automóveis, ainda maior; em produção de lingotes de ferro, uma hora de trabalho humano consegue hoje em dia o que seiscentas horas do mesmo trabalho há cem anos. Em agricultura, somente 1/3 000 de horas de trabalho humano por unidade de produto se necessitam comparadas com 1840. Na fabricação de lâmpadas incandescentes, uma hora de trabalho humano realiza tanto como nove mil horas do mesmo trabalho em 1914.

"O grau de diminuição em horas de trabalho humano por unidade de produção, tomadas em conjunto, é, pois, aproximadamente 1/3 000.

"Os fabricantes de tijolos, durante mais de cinco mil anos, jamais conseguiram, em média, mais de 450 tijolos por dia e por indivíduo, em jornada de mais de dez horas.

100

"Uma fábrica moderna de fabricação contínua de tijolos produzirá 400 000 por dia e por homem. "

Não respondo pela exatidão destas cifras. Os "tecnocratas" dos quais procedem são demagogos e, portanto, gente sem exatidão, pouco escrupulosa e apressada. Mas, aquele que tenha esse quadro numérico de caricatura e exagero, não faz senão pôr de manifesto um fundo verdadeiro e inquestionável — a quase ilimitação de possibilidades na técnica material contemporânea.

Mas a vida humana não é somente luta com a matéria, é também luta do homem com sua alma. Que quadro pode a Euramérica opor a esse como repertório de técnicos da alma? Não foi, nesta ordem, bem superior a Ásia profunda? Desde há anos sonho com um possível curso em que se mostrem frente a frente as técnicas do Ocidente e as técnicas da Ásia.